

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 122 — Nº 2.106 — SETEMBRO 2004 — R\$ 4,00



O Caminho

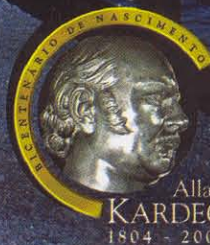
“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida...”

NESTA EDIÇÃO:

A APARÊNCIA E A ESSÊNCIA

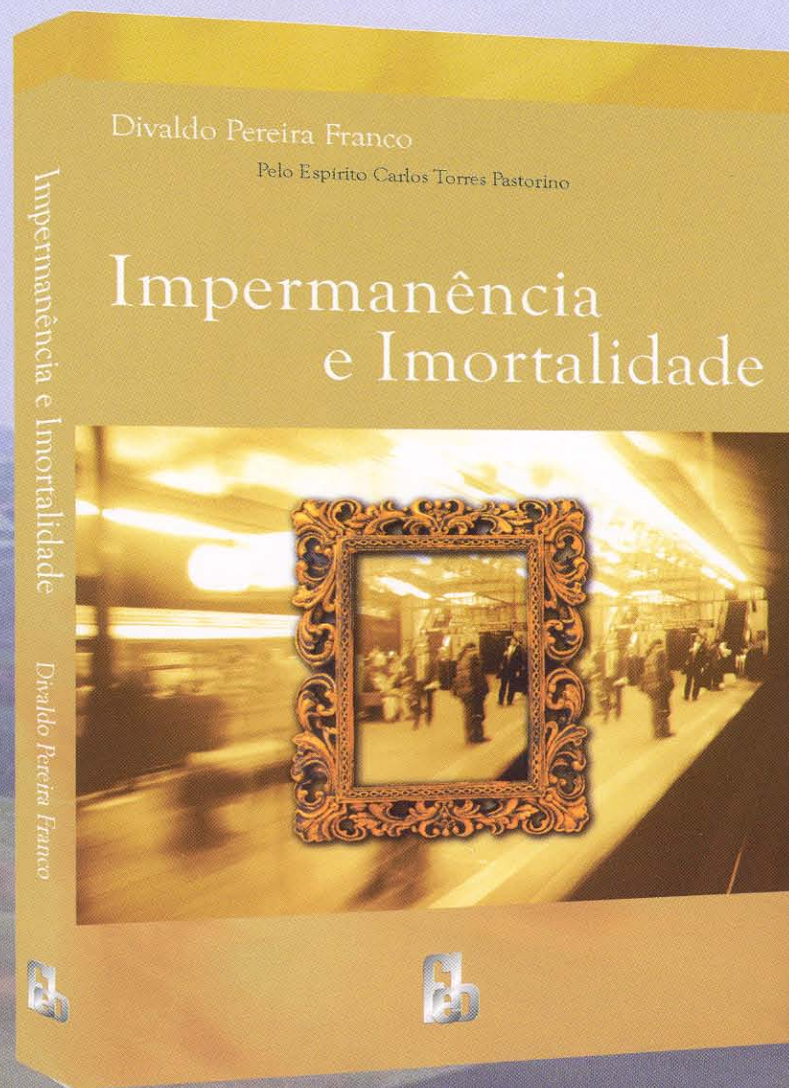
A VIDA ALÉM DA MORTE

A REENCARNAÇÃO NA VISÃO ESPÍRITA



Divaldo Pereira Franco

LANÇAMENTO



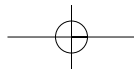
Formato 14x21
Papel Chamois Fine



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Construamos a Paz,
Promovendo o Bem!

Tel.: (21) 2589-6020 - vendas@febrasil.org.br - www.febrasil.org.br



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 122 / Setembro, 2004 / Nº 2.106



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 35,00
Aérea	US\$ 45,00

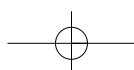
Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária – Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

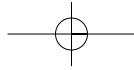
Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Alessandro Figueredo

Tema da Capa: **O CAMINHO** – que, indicado por Jesus e pela Doutrina Espírita, nos conduz à conquista da Verdade e à plenitude da Vida.

EDITORIAL	4
Indulgência e vigilância	
ENTREVISTA: MARLENE R. S. NOBRE	11
Associações Médico-Espíritas	
Sua evolução no Brasil e no Exterior	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
O tesouro maior – <i>Emmanuel</i>	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	22
Chico Xavier – Psicografia de 1927 a 1931	
<i>Elias Barbosa</i>	
A FEB E O ESPERANTO	28
Divaldo Pereira Franco e o Esperanto – <i>Affonso Soares</i>	
PÁGINAS DA <i>REVUE SPIRITE</i>	33
Sobre a expiação e a prova – <i>Allan Kardec</i>	
FEB/CFN – COMISSÕES REGIONAIS	35
Reunião da Comissão Regional Centro	
SEARA ESPÍRITA	42
O caminho – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Caminho de redenção – <i>Auta de Souza</i>	7
Empresas – <i>Joanna de Ângelis</i>	8
Espíritas, honremos nossa tarefa! – <i>Ismael Ramos das Neves</i>	10
Irmão – <i>João de Deus</i>	13
Repensando Kardec – Da Lei do Trabalho –	14
<i>Inaldo Lacerda Lima</i>	
Trabalho e Educação – <i>Allan Kardec</i>	15
A aparência e a essência – <i>Richard Simonetti</i>	16
Solução natural – <i>Hilário Silva</i>	18
A vida além da morte: memórias de uma psiquiatra –	19
<i>João Luiz Romão</i>	
Morte – <i>Martins Peralva</i>	20
Henrique Magalhães – desencarnação	26
Homenagem a Kardec na FEB/Rio	27
O destino está escrito? – <i>Ronaldo Miguez</i>	29
A Reencarnação na visão espírita – <i>José Passini</i>	30
Lei – <i>Constâncio Alves</i>	32
Congresso homenageará Allan Kardec	38
José Dias Inocência	39
Retorno à Pátria Espiritual – <i>Reynaldo Leite</i>	40
O Espiritismo em Congresso na Itália	41





Editorial

Indulgência e vigilância

No livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, psicografado por Francisco C. Xavier, Humberto de Campos, tratando das dificuldades que a Doutrina Espírita enfrenta na sua divulgação, observa que “nas suas fileiras respeitáveis, só a desunião é o grande inimigo”.¹

Procedendo a uma verificação geral nos problemas que o Movimento Espírita enfrenta, constatamos que as observações do referido autor espiritual estão apoiadas na realidade. A preocupação excessiva relacionada com o que os companheiros de trabalho pensam, falam ou comentam a nosso respeito e a respeito do que estamos fazendo, bem como os comentários que nós também fazemos com relação aos demais companheiros, tornam-nos extremamente vulneráveis a toda ordem de interferências, que alimentam os atritos pessoais e prejudicam a tarefa.

Os Espíritos contrários à difusão do Espiritismo manifestam-se, muitas vezes, surpresos com a facilidade que encontram em alimentar a discórdia entre os trabalhadores espíritas. A ausência de uma maior compreensão para com as falhas alheias e a invigilância com nossos comentários alimentam, comumente, conclusões e pensamentos que não correspondem à realidade, mas que provocam desgastes, desvios e retardamento na execução do trabalho.

Faz-se, pois, necessário o constante esforço de cada trabalhador espírita em praticar os princípios da tolerância, da indulgência e da compreensão, a fim de que não nos tornemos, mesmo contra a nossa vontade, dóceis instrumentos dos que pretendem retardar o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita.

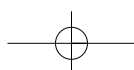
Bem observou o Espírito de Verdade em sua mensagem “Os Obreiros do Senhor”², quando nos convida a que “*trabalhem juntos e unamos nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra, porquanto o Senhor lhes dirá: ‘Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra.’*”

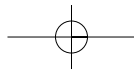
A bem da verdade, não se pode pretender um bom resultado nas atividades espíritas se elas não forem marcadas pela prática, entre companheiros, da recíproca indulgência, que é uma das características da caridade, tal qual a entendia Jesus.³ Indulgência para com os outros e vigilância em relação aos nossos sentimentos e pensamentos representam a chave para a preservação da união, união esta fundamental na execução das tarefas voltadas à difusão da Doutrina Espírita.

¹ *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, 29. ed., FEB, cap. XXIX, p. 228.

² *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 2. ed. especial, FEB, cap. XX, item 5.

³ *O Livro dos Espíritos*, 83. ed., FEB, q. 886.





O caminho

Juvanir Borges de Souza

Os postulados e as revelações da Doutrina Espírita, assentando-se nas leis divinas, que se tornam agora conhecidas, dão ao seguidor sincero da novel doutrina a segurança de que encontrou o caminho certo para a felicidade, cumprindo-lhe todo o esforço para retificar os desvios do passado e o trabalho incessante no Bem, para a construção do futuro.

O Cristo de Deus já oferecera à Humanidade a indicação desse caminho, com os ensinamentos e exemplos constantes de seu Evangelho — “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Referia-se Ele à Mensagem que deixou aos homens como o roteiro correto para a ascensão espiritual de cada um.

Prometeu também enviar outro Consolador, para lembrar seus ensinamentos, com o acréscimo de coisas novas.

Esse Consolador se corporificou no mundo, caracterizado pelos princípios científicos, filosóficos, morais, religiosos, educacionais e sociais advindos da Espiritualidade Superior e codificados pelo missionário Allan Kardec, em pleno século XIX, após cerca de 1.850 anos da vinda do Cristo.

Uma Nova Era se descerra pa-

ra os habitantes deste planeta, na conjugação da Mensagem do Cristo, na sua pureza original, com o Consolador prometido e enviado por Ele.

A Doutrina Espírita, profundamente consoladora na sua essência, é também libertadora, no sentido do conhecimento da Verdade acessível aos homens, com diretrizes seguras para a vida eterna do Espírito que todos somos.

Torna-se, assim, conhecido o *caminho* a ser trilhado para a ascensão humana, caminho seguro, real, sem as ilusões criadas pelas interpretações equivocadas da Mensagem de Jesus e sem os desvios perigosos das filosofias e religiões tradicionais.

A Terra, mundo material onde vivem bilhões de Espíritos encarnados em corpos materiais, caracteriza-se por ser vista sob múltiplos aspectos.

Para aqueles que cultivam os conhecimentos astronômicos, ela é um planeta do sistema solar, gravitando eternamente em torno do Sol; para os sociólogos é um mundo diversificado nas organizações sociais das raças que a habitam; para diversas religiões, ultrapassadas em suas concepções, é o centro do Universo e o único mundo habitado; já para a Doutrina Espírita, é um dos orbes da Criação Divina, onde vivem bilhões de Espíritos em corpos materiais, buscando reparar suas imperfeições, em vidas sucessi-

vas e purificando-se em busca da finalidade para a qual foram criados.

Para essa ascensão, há um *caminho* que se ajusta às leis divinas. Quanto mais cedo o Espírito reconhece essa senda e se dispõe a segui-la, tanto mais rapidamente atinge os objetivos para os quais foi criado.

As luzes do Amor e do Conhecimento iluminam permanentemente esse caminho. O caminhante precisa sustentá-las ante as trevas, sob pena de desviar-se.

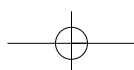
O *caminho* atravessa muitas paisagens diferentes. Por vezes segue por planícies infundáveis. Depara-se com vales sombrios e com montanhas difíceis. Por isso o viajor não pode desanimar ante os obstáculos, seguindo sempre à frente.

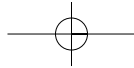
As dificuldades encontradas no *caminho* são formas de avaliação do bom ânimo do caminhante.

...

As verdades e os esclarecimentos do Consolador avivaram nos espíritos a luz que o Cristianismo puro do Cristo trouxe à Humanidade, há muitos séculos.

Com os conhecimentos novos do Cristianismo Redivivo, as novas revelações dos Espíritos Superiores tornaram clara a significação da vida humana na Terra, que deixou de ser um simples processo de uso e gozo de um corpo carnal, até a morte, quando a alma vai para o céu, para o inferno, ou para o pur-





gatório, no ensino das Igrejas denominadas cristãs; ou quando tudo desaparece no nada, na concepção materialista.

A Nova Revelação reinterpreta os Evangelhos e o Velho Testamento, em seus sentidos espirituais, profundamente modificados pelas interpretações literais e pelos acréscimos e supressões feitos pelos tradutores dos originais.

A Doutrina Espírita, revelando tantas coisas novas a respeito do homem, Espírito imortal, de Deus, o Criador do Universo, e de Jesus, o Cristo, como sendo o *caminho* a ser seguido, para a renovação contínua de cada individualidade, enriquece extraordinariamente os conhecimentos humanos a respeito da vida.

Ao lado desses conhecimentos, reafirma a novel Doutrina a necessidade do aprimoramento constante dos sentimentos, que o Cristo resumiu no Amor, para que a criatura possa renovar-se e crescer continuamente, em demanda do Bem infinito.

Os cristãos que seguem os ensinamentos das Igrejas tradicionais, que já aceitam os ensinamentos morais do Cristo, dispõem, agora, de novos conhecimentos que a Doutrina Espírita oferece em substituição aos dogmas impróprios criados pelos homens.

Aceitar, pois, o Cristianismo Redivivo – a Doutrina Consoladora dos Espíritos – é um avanço considerável no conhecimento da verdade e da vida. É trilhar o *caminho* que o Cristo ensinou, com o trabalho construtivo no bem, desde que a criatura ponha em prática os conhecimentos adquiridos.

Dizer-se cristão, ou espírita,

mas manter-se nas ilusões das margens do *caminho*, ou enveredar pelos desvios, é renúncia e estagnação da criatura, que deixa de aproveitar oportunidade especial de crescimento e prosperidade espiritual.

É evidente que não basta o conhecimento da senda para que o ser possa alcançar sua transformação para melhor. Todo aperfeiçoamento reclama esforço, luta, persistência, fé.

Diante das dificuldades do *caminho* que, por vezes, parecem aumentar, torna-se necessário aprender a esperar, confiando sempre na Divina Providência, pairando sempre acima das aparências enganosas. Por isso, o viajor não deve permitir que os imprevistos e as inquietações o perturbem, ao ponto de levá-lo ao desânimo e à desistência da luta.

Toda realização depende do esforço, de energia aplicada. E “a cada dia o seu trabalho”, como ensinou o Mestre.

A “senda estreita” e a “porta estreita”, referidas por Jesus em seus ensinamentos, são as múltiplas dificuldades do *caminho*; cabe-nos manter fidelidade às obrigações assumidas, quando aceitamos as verdades que conduzem sempre mais à frente.

A “estrada” e a “porta larga”, ao contrário, correspondem ao atendimento dos caprichos pessoais, à indisciplina e à inércia no cumprimento dos deveres assumidos perante a própria consciência, esclarecida pelos sentimentos nobres resumidos no Amor.

Palmilhando o *caminho*, percebemos que a uma estrada segue-se outra, o que ocorre em uma mesma existência corporal, em mais de uma, ou nos intervalos de liber-

tação do Espírito com relação à vida corpórea.

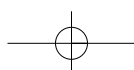
O viajor, fiel ao compromisso tomado perante sua própria consciência e perante as leis divinas que regem a vida, leva consigo, permanentemente, a riqueza do tempo, que espera sempre.

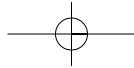
O presente, o agora, permitem sejam expurgados os erros do passado e as lembranças amargas, que podem ser transformados em experiências e aprendizados úteis, desde que, hoje, os objetivos a serem alcançados estejam no rumo certo de conquistas enriquecedoras do coração e do intelecto.

Para servir com o Mestre, seguindo o *caminho* que Ele nos ensinou, precisamos construir, em nós mesmos, um coração amoroso, desculpando e perdoadando os ofensores, respeitando os que criam problemas, prestigiando as causas justas, ainda que originárias dos que divergem de nós, auxiliando as boas obras, mesmo que partam de quem não partilha de nossas idéias.

Na tarefa do auto-aperfeiçoamento, em que cada individualidade reconhece as próprias imperfeições, seja no campo intelectual, seja no plano moral, a escolha do meio, do método ou da forma para alcançá-lo tem sua importância. Mas é a Verdade a grande causa que transparece sempre para aqueles que se deparam com a necessidade de crescer espiritualmente.

É ela, a Verdade, representando as realidades que já podemos perceber, que indica os *caminhos* inconfundíveis do Amor, da Justiça, da Caridade e dos conhecimentos, como conquistas que se confundem com o próprio objetivo visado de uma vida plena, em sentido espiritual.





Ninguém cresce e se aperfeiçoa sem o relacionamento com o outro. O Espírito foi criado para a vida de relação. O amor ao próximo como a nós mesmos, como lei natural, pressupõe que, na obra divina da Criação, todos somos complementos uns dos outros.

Essa verdade palpável explica por que Jesus retificou a lei antiga dos hebreus, que excluía os inimigos do alcance do amor. Ninguém pode ser excluído do amor-compreensão. Tanto os amigos quanto os inimigos são nossos semelhantes, nossos irmãos, filhos do mesmo Criador. Não há progresso integral sem o cumprimento das leis de Deus.

A fé, apoiada na razão, geradora do bom senso e da prudência, é a luz do caminhante, que vai adiante, iluminando a senda, proporcionando-lhe esperanças renovadas, coragem e bom ânimo, virtudes sem as quais se torna impossível a caminhada.

O *caminho* indicado pelo Cristo há dois mil anos, reafirmado pelo Consolador, para que possa ser seguido, requer aprendizagem longa e difícil.

As idéias advindas de filosofias e religiões, o materialismo há muito presente em nossas vidas, geraram convicções assentes em nossas mentes, que precisam ser removidas, para que as verdades cristãs-espirítas, com seus valores espirituais, ocupem seus lugares.

Os Espíritos Superiores, na Nova Revelação, oferecem-nos recursos especiais, objetivos e claros, para que possamos repensar nossa vida, o que somos, e o nosso futuro.

A idéia de Deus, o conhecimento de nós mesmos como Espí-

ritos imortais, a multiplicidade das existências, neste e em outros planetas materiais, o conhecimento das leis morais que regem a vida, a responsabilidade individual pelos pensamentos e ações, dentre outros esclarecimentos que a Doutrina Espírita oferece, são realidades componentes da grande Verdade que todos buscamos.

A lógica e a beleza da Doutrina dos Espíritos assentam-se nas Leis Divinas, nas realidades que se tornam conhecidas, na medida em que o Espírito desperta e verifica as ilusões que tem cultivado por milênios.

É a marcha do progresso, como lei divina, tanto no que diz respeito à matéria, quanto ao espíri-

to, os dois componentes do Universo.

O conhecimento do Espiritismo, estudado em todos os seus aspectos, assemelha-se à “bússola, na viagem rude e longa” necessária a todos os viajores, na imagem feliz de Casimiro Cunha (*Cartilha da Natureza* – 3. ed., FEB, p. 19).

Como diz o poeta:

“Nas rudes experiências
Da romagem terrenal,
Não se pode prescindir
Do rumo espiritual.”

“Se caminhas neste mundo,
Sejas moço, sejas velho,
Não esqueças, meu amigo,
A bússola do Evangelho.” ■

Caminho de redenção

Este o caminho da ascensão sublime
E o carro excelso para a luz da glória:
A subida de angústia transitória
E a cruz do amor a que o amor se arrime...

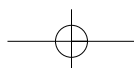
Segue, viajor, sem que te desanime
A visão da paisagem merencória
Formada em pedra da terrestre escória,
Nem te detenha a voz que te lastime.

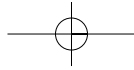
Segue amparado à fé serena e pura,
No bem que a nada fere nem censura,
No amor que em tudo habite ou sobrenade...

Ama somente, ajuda, serve e guia
E chegarás triunfante e livre, um dia,
À redenção do amor na Eternidade.

Auta de Souza

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Auta de Souza*, 9. ed., Araras (SP): IDE, 2001, p. 68.





Empresas

No mundo moderno, atulhado de alta tecnologia e de muita extravagância, os conceitos da simplicidade e da abnegação tornam-se combatidos tenazmente, de maneira a cederem lugar à automação, à excentricidade e aos interesses do lucro imediato.

Tecnocratas e executivos de alto porte digladiam-se para alcançar metas cada vez mais audaciosas, em lutas renhidas, embora o respeito que nos merecem os seus esforços e pessoas, objetivando projeção e insaciável poder.

Transformam situações de bondade em lugares de investimento e os seus procedimentos sempre se firmam em inversões e programas de rendas como essenciais.

Fixados em tabelas estatisticamente comprovadas e movimentando com habilidade os cálculos do mercado através das Bolsas, estabelecem prazos de usura em todos os negócios e entregam-se às aquisições de alta rentabilidade.

Enriquecem e promovem a altos níveis as Empresas para as quais trabalham sob altos estipêndios e compensações, com sofreguidão e estresse, até quando são desalojados pela aposentadoria, pela velhice e pela morte...

Empresas não têm alma nem pulsa, nos seus mecanismos automáticos, qualquer tipo de coração.

As criaturas, que nelas se esfalfam, são peças da sua engrenagem, e por mais importantes que se façam, são sempre substituíveis por

outras mais produtivas para o conjunto em incessante renovação, decorrência natural dos novos instrumentos apresentados pelas indústrias de promoção e de atualização.

O pensamento empresarial é linear, direto, calculista, destituído de sentimento de amor, de misericórdia, de compaixão.

Às vezes, a Empresa começa no *fundo do quintal* e torna-se poderosa com o tempo e o exaustivo trabalho, sem que os seus iniciadores, que se exauriram, logrem fruir-lhes os benefícios que passam para as gerações que os sucedem.

É verdade que facultam o progresso na Terra, mas também respondem por muitas misérias e violências morais, econômicas e sociais...

As Empresas formidandas, que investem parte dos seus lucros em programa de educação, de higiene, de saúde em favor de vidas, não poucas vezes sugam outras tantas que se lhes submetem como escravas, com salários miseráveis, na ânsia de incessante aumento de produção.

São valiosas essas contribuições empresariais, embora também responsáveis por competições destrutivas, espionagem sórdida, prepotência dramática, comportamentos absurdos.

Certamente é inevitável a marcha e o avanço da cultura, da ciência e da tecnologia, das Empresas e monopólios perversos, hediondos.

Suas regras e delineamentos in-

vejáveis são próprios para o seu selvagem desenvolvimento, mas não devem ser aplicados em todos os labores que se realizam na Terra, especialmente naqueles de origem espiritual, que têm compromisso com o Amor e a Verdade, pelo menos através dos seus objetivos.

...

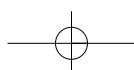
Com Jesus a Empresa é de solidariedade, de benevolência, de paz.

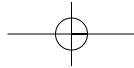
Nela não há lugar para os rigores nem as exigências que ferem a fraternidade, o respeito pelas vidas, pelo sofrimento, pelos operários menos valiosos, aqueles que não são hábeis ou se apresentam mais morosos...

A tentação de trazer para o serviço do Mestre as técnicas esdrúxulas, os códigos frios e as atitudes autoritárias dos empresários dominadores faz-se de contínuo, ameaçando a vera caridade, que deve sempre ser a bandeira erguida por aqueles que se Lhe dedicam.

Vota-se com entusiasmo para equipar-se o ninho de amor e de auxílio recíproco, de socorro aos que buscam servir embora se encontrem sob terapias libertadoras, em depressões profundas e desequilíbrios deploráveis, incluindo os cooperadores-máquinas habilidosos, não poucas vezes insensíveis, igualmente destituídos de compromisso com a proposta do Amigo incomum e do Seu Evangelho.

Pensando-se sempre em ganhar-se mais dinheiro, em melhorar-se a aparência do trabalho, em utilizar-se as técnicas de propaganda para tornar-se conhecido o labor, na condição de *produto de venda e de exportação*, em projetar-se as





imagens trabalhadas pela maquiagem do mercado explorador, ficam em plano secundário, senão esquecidos, os compromissos com a simplicidade do sentimento e a humildade do comportamento.

Vigia as nascentes do coração de onde brotam os bons como os maus pensamentos, e tem cuidado.

Não te deixes arrastar pelos palradores e mercadológicos, entusiastas em favor das transformações imperiosas e imprudentes, sonhadores do mundo que não conhecem as regras do Evangelho nem a conduta espírita.

A empresa de Jesus é diferente, preservadora da união de todos seus membros, sem jamais ter lugar o campeonato da dissensão.

No seu estatuto, o maior é sempre quem melhor serve e não aquele que mais se exalta.

Na disputa pelas posições de relevo, que, afinal não existem, o esforço prevalece para ser o mais bem devotado servidor.

Esse candidato que chega, não elimina aquele que se encontrava no trabalho, antes se lhe torna co-operador. Por sua vez, sem temer quem se aproxima, aquele que está a serviço lhe facilita a compreensão do serviço entrosando-o no grupo fraternal onde deseja mourejar.

Não dispensa os servidores debilitados, mas providencia para que sejam encaminhados para outras áreas quando equivocados e incapazes.

Não abre espaço para a ingratidão àquele que ofereceu o melhor da sua existência trabalhando nos alicerces da obra, e hoje, cansado, desatualizado, é deixado no paredão do abandono.

Nunca olvida os sofredores,

pensando apenas no azinhavre decorrente do acumular de mais moedas.

Alarga a caridade que socorre a necessidade e ilumina o ser, liberando-o da ignorância.

O respeito pelo outro é normativa de conduta permanente, e a consideração para com o ausente impede o desenvolvimento da maledicência, da calúnia, da perseguição gratuita, decorrentes da antipatia que possa viger no grupo.

A empresa de Jesus, na atualidade, ainda deve inspirar-se no programa e na ação da *Casa do Caminho*, erguida por Simão Pedro em Jerusalém nos dias apostólicos.

São estes, certamente, novos e outros tempos, bem como diferentes as suas leis.

As criaturas humanas, no entanto, são quase que as mesmas, vivendo condições e situações bem equivalentes.

Respeitar a modernidade, sim, porém, não permitir que alguns dos seus métodos de comportamento minem os compromissos para com a bondade e o bem.

Precauções argentárias e cuidados previdenciários devem ser observados, nunca porém o esquecimento do apoio da Providência Divina, que jamais falta.

Amealhar para não faltar é atitude correta, nunca porém acumular enquanto o crime e a morte vigiam a miséria para arrebatá-la.

Nessa Empresa, a de Jesus, os métodos são especiais e não compatíveis com os daquelas organizações mundanas.

Se o membro da equipe vai-se embora, não o impeças, todavia, jamais o dispenses, porque aparente-

mente podes substituí-lo por outro que será contratado, remunerado financeiramente...

Apesar de alguns serem necessários, como é compreensível, na Empresa de Jesus as ambições são espirituais, evitando-se os riscos daqueles estabelecidos pelos Sindicatos e legislações que nunca se bastam...

...

O meu reino não é deste mundo, afirmou Jesus com ênfase.

Não te enganes, não iludas a ninguém.

Vem hoje trabalhar na minha vinha, convidou com segurança, propondo o dever do serviço ao próximo e à auto-iluminação.

Digno é o trabalhador do seu salário, estabeleceu como fundamental; mas na Sua obra o salário será sempre a caridade para consigo mesmo e para com o seu próximo.

Tem cuidado com o mundo e as suas armadilhas!

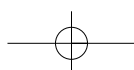
Leva Jesus a ele, mas não o tragas, nem implantes os seus métodos na Sua empresa.

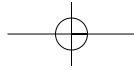
Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião mediúcnica da noite de 9 de junho de 2004, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Retificando...

Na mensagem *A Pedagogia de Jesus*, de Joanna de Ângelis, publicada na edição de julho (p. 14, terceiro parágrafo), onde se lê André Morin, leia-se: Edgar Morin.





Espíritas, honremos nossa tarefa!

Ismael Ramos das Neves

Segundo o texto bíblico, João Batista enviou dois emissários a Jesus, indagando se o Nazareno era o Messias Prometido. O Divino Mestre respondeu: “Ide e anunciai a João que os cegos vêem, os paralíticos andam e aos pobres é anunciado o Evangelho.” (Lucas, 7:18-22)

Por outro lado, após o regresso vitorioso de Jesus ao Plano Espiritual, o apóstolo Pedro, certo dia, encontrava-se meditativo e acabrunhado, quando, num lance esplêndido, vê que, ao longo do caminho, Jesus se aproximava. Pedro recobrou as energias, com um júbilo indescritível, pois, certamente, o Mestre vinha ao seu encontro. Ficou expectante. Contudo, o Celeste Amigo, silencioso, demonstrou que não se dirigia a Pedro: ia transitando. O apóstolo, atônito, exclamou: “Senhor”. Foi quando Jesus lhe disse: “Pedro, eu vou à Casa do Caminho”. Num átimo, o apóstolo compreendeu: o imperativo da hora era o serviço desinteressado aos semelhantes. Pedro, de imediato, acompanhou o Mestre, compreendendo a grandeza do ensinamento.

Nós, os espíritas, que tivemos

a graça de conhecer a Codificação de Allan Kardec – a qual interpreta, em Espírito e Verdade, a Mensagem augusta de Nosso Senhor Jesus-Cristo –, devemos preocupar-nos, na hora que passa, com as tarefas que nos são próprias e para cujo desempenho temos a confiança dos nossos Mentores espirituais, sem perdermos tempo em discutir idéias divergentes acerca de mensagens mediúnicas ou de livros fantásticos, que falam de outros mundos, ou de cogitar que entidades espirituais elevadíssimas que transitaram pela Terra tenham sido a reencarnação de personagens ancestrais na retrovisão (às vezes obumbrada) dos subsídios que determinados pesquisadores nos ofereceram em suas publicações.

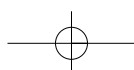
Na Terra, embora a evidência de uma civilização repleta de avanços tecnológicos e indiscutível desenvolvimento científico, a fome dizima milhões de irmãos nossos, que o egoísmo humano sitiou em bolsões de miséria e prostituição, reateando com antros de criminalidade e desespero. Por essa razão, na medida de nossas possibilidades, devemos socorrer os famintos e acender a chama da fé nos corações angustiados, honrando, assim, as luminosas tarefas que nos identificam como servidores de Jesus, registrando em nossos tímpanos espi-

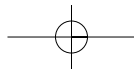
rituais a resposta do Celeste Amigo ao apóstolo: “Pedro, eu vou à Casa do Caminho”.

Sabemos que é necessário pesquisar, indagar, refletir, em síntese, analisar as mensagens e estabelecer, entre nós, a conversa franca sobre nossas dúvidas, identificando os possíveis enganos e omissões em que, por vezes, temos permanecido. Mas guardemos a certeza de que, ao longo do tempo, ante o sol da verdade, que a evidência dos fatos vai desdobrando, a nossa visão perceberá que a névoa da ignorância se dissolverá ante o fulgor da Luz Divina, à medida que os nossos merecimentos – mesmo conquistados com suor e lágrimas –, se desenvolverem.

Não nos compete emitir julgamentos apressados ou tirar conclusões de fatos ainda inabordáveis à nossa percepção espiritual, uma vez que estamos transitando da sombra para a luz e, pelos ensinamentos recebidos na imensa bibliografia espírita, os homens estão longe de alcançar a explicação de determinados aspectos da vida extrafísica mais próxima da Terra.

Vamos, pois, com entusiasmo e fé, à execução de nossas tarefas, recordando as palavras de Emmanuel, através do médium Francisco Cândido Xavier: “O nome de Jesus está empenhado em nossas mãos.” ■





ENTREVISTA: MARLENE R. S. NOBRE

Associações Médico-Espíritas

Sua evolução no Brasil e no Exterior

Marlene Rossi Severino Nobre relata a evolução das Associações Médico-Espíritas em sua atuação nos níveis nacional e internacional, e destaca o papel das obras de André Luiz neste contexto

P. – Qual foi sua inspiração para a proposta inicial de fundação das Associações Médico-Espíritas?

Marlene – Meu compromisso com as Associações Médico-Espíritas surgiu, primeiramente, com a fundação da AME-São Paulo, ocorrida a 30 de março de 1968, quando fiz parte de sua primeira Diretoria. Um pouco antes, em janeiro do mesmo ano, a convite do Dr. Luiz Monteiro de Barros, havíamos nos reunido no Sanatório Antonio Luiz Sayão, em Araras, para prepararmos os Estatutos, sob a orientação de advogados amigos, entre eles, meu marido, Freitas Nobre. Creio que já havia, de nossa parte, um compromisso firmado na espiritualidade, porque, quando o amigo Spartaco Ghilardi, médium orientador da criação da AME-SP, foi levar a Chico Xavier a notícia da fundação da entidade, ele quis saber quais eram os cargos que eu e o Dr. Monteiro havíamos assumido na nova instituição.

P. – Como se desenvolveu o trabalho com a Associação?

Marlene – Mais de duas décadas se passaram. Eu era, então, Presidente da AME-SP, quando, no início de dezembro de 1990, cerca de quinze dias após a desencarnação do meu marido, recebi a orientação



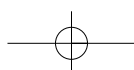
Marlene Rossi Severino Nobre

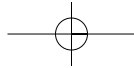
direta de nosso Benfeitor Dr. Bezerra de Menezes para realizar, no ano seguinte, um congresso de âmbito nacional, conclamando os colegas à fundação da entidade brasileira. Realizamos o Mednesp, nosso 1º Congresso, em maio de 1991, em São Paulo, e depois a cada dois anos, fundando a Associação Médico-Espírita do Brasil a 17 de junho de 1995. Analisando o histórico das AMEs, vemos que, desde longa data, o Dr. Bezerra constituiu-se no patrono desse movimento, conforme revelações de Spartaco e Chico; junto a nós, porém, sua orientação deu-se mais diretamente, como me referi, a partir de 1990, e permanece até hoje, embora as minhas reconhecidas deficiências na captação

das mensagens. Temos certeza de que ele é a grande força propulsora do nosso movimento, porque somente sua tutela espiritual poderia explicar o fato de termos passado de 9 para 32 AMEs, em menos de 10 anos.

P. – Na sua opinião, qual o significado da obra de André Luiz para o Movimento Espírita?

Marlene – Como toda revelação espiritual, a obra de André Luiz tem diferentes interpretações e significados, conforme o grau de interesse e maturidade que os leitores possuam ou desenvolvam ao longo da existência. Há quem veja o autor como simples repórter, mero repertidor ou contador de histórias, outros como aluno aplicado ou cientista emérito; tudo depende do clima mental em que a pessoa vive. Isto, porém, pouco importa, porque se trata de uma obra transformadora, revelada ao mundo para dar frutos suculentos e inusitados, de forma progressiva e constante. Um trabalho interessante para os universitários espíritas, por exemplo, seria o de rastrear o número de instituições “Nosso Lar” existentes no País, analisando, igualmente, o tipo de assistência social que se desenvolveu no Brasil e fora dele, tendo como fonte inspiradora a cole-





ção André Luiz. Mas há muito mais a observar sobre a ação dessa obra magnífica sobre o Movimento Espírita como um todo. O tempo revelará.

P. – Como você analisa a atualidade médica da obra de André Luiz?

Marlene – Para falar sobre este assunto, tenho de me referir a alguns livros meus; peço-lhes desculpas por esta ousadia. No meu livro *Nossa Vida no Além*, tive oportunidade de demonstrar essa atualidade, cotejando as explicações de André Luiz sobre a vida espiritual com as experiências vividas pelos que morreram e foram ressuscitados e que tiveram seus relatos de Experiência de Quase Morte (EQM) enfeixados em livros, por pesquisadores dos Estados Unidos e Europa. O médico desencarnado, porém, vai mais longe, porque descreve, cientificamente, as diversas etapas do morrer, abrindo maiores perspectivas de pesquisa no campo da tanatologia. No meu livro *A Obsessão e Suas Máscaras*, ressaltai a importância do estudo que ele faz, em 14 de suas obras, acerca das patologias orgânicas e psicológicas ligadas à obsessão, bem como a necessidade de os profissionais da saúde inteirarem-se dessa realidade, para mais facilmente integrarem Espiritualidade ao tratamento. Também em *O Clamor da Vida*, livro em que faço reflexões contra o aborto provocado, valho-me de informações de diversos autores, entre eles, André Luiz, garimpando, especialmente, sua magnífica obra *Evolução em Dois Mundos*, para estudar as origens da vida e ressaltar a definição espírita de pessoa – pontos básicos para a conduta bioética. Na minha última

obra, *A Alma da Matéria*, analiso, de forma sucinta, a contribuição do Espiritismo à Medicina, valendo-me, para tanto, de toda a coleção André Luiz, no estudo da anamnese, da reencarnação, do perispírito, da bioética etc. E há muito mais a garimpar. Veio o final da primeira parte do Projeto Genoma e André Luiz continua firme e forte, atualíssimo, em suas revelações sobre genes e proteínas; estão surgindo as inúmeras descobertas em neurociência e as suas revelações sobre a glândula pineal, a casa mental etc., permanecem insuperadas. Ele instiga tantos trabalhos científicos às AMEs, que nos sentimos em passo de tartaruga diante do trem-bala.

P. – Qual a contribuição que a Doutrina Espírita poderia oferecer à Bioética?

Marlene – Conforme tema que apresentei no VI Congresso Mundial de Bioética, em Brasília, em novembro de 2002, e que foi publicado em seus Anais, a nossa conduta baseia-se no paradigma personalista espírita e tem enorme contribuição a dar à Bioética, por ter como norma o respeito ao *continuum*, isto é, à vida humana, desde o zigoto ao velho, passando por todas as etapas do desenvolvimento. A conduta bioética espírita não aceita a diluição dos confins da pessoa, como acontece na conduta utilitarista que menospreza o embrião e o ser humano adormecido, quando este está desprovido de consciência, o que geralmente ocorre nos instantes finais da existência. Infelizmente, este paradigma materialista vem ganhando cada vez mais terreno nos hospitais e universidades do mundo, e a ele é preciso fazer

forte oposição, esclarecendo, com base na própria Ciência, acerca do verdadeiro significado da vida e da pessoa.

P. – Como está a implantação das Associações Médico-Espíritas nos Estados?

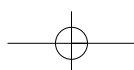
Marlene – Hoje, são poucos os Estados onde não há AME: somente no de Mato Grosso, e nos dos antigos Territórios. Em compensação, há Estados, como os do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Paraíba, onde já há regionais, e, em alguns, várias delas. Temos 32 AMEs até o momento.

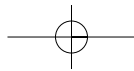
P. – Como as Associações Médico-Espíritas disponibilizam fundamentação espírita para os profissionais da área da saúde?

Marlene – Temos trabalhado com os temas dos Congressos, publicados, em parte, em dois livros, *Saúde e Espiritismo* e *Medicina e Espiritismo*, com os vídeos resultantes dos 7 congressos realizados, o material de estudo desenvolvido nos Encontros Regionais e demais eventos, com revista, boletins informativos, página eletrônica etc. Há AMEs que baseiam alguns de seus estudos nos livros publicados pelos colegas das próprias AMEs, como os do Dr. Decio Iandoli Jr., do Dr. Núbior Facure, dos vários de autoria dos companheiros de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo etc., e também os de minha autoria. Em todos eles, são discutidas, especificamente, matérias de interesse do movimento médico-espírita.

P. – E em nível internacional?

Marlene – Ainda temos pouco material em outras línguas. *A Alma da Matéria*, por exemplo, já foi publicado em francês e espanhol. No ano passado, nossa irmã Cláudia





Bonmartin editou, em francês, os Anais da 1ª Jornada de Medicina e Espiritualidade, realizada no dia 16 de novembro de 2003, em Paris. Desta publicação consta também o seminário do Dr. Sergio Felipe de Oliveira sobre as funções da glândula pineal, com as fotos da tese que ele defendeu na USP, na área de Ciências Biológicas. Como parte da nossa apresentação na Europa, distribuimos também o primeiro número da revista *Saúde e Espiritualidade*, editada pela AME-Internacional, em versão inglesa e espanhola. Para os Núcleos fundados recentemente, tanto no Reino Unido, quanto no de Montreal, na província de Québec, Canadá, recomendamos o estudo dos livros da coleção André Luiz, especialmente *Evolução em Dois Mundos*, e a tradução dos mesmos para o inglês e o francês, a fim de que tenhamos todos o fortalecimento do embasamento teórico aos nossos estudos e pesquisas.

P. – Qual a contribuição que as Associações Médico-Espíritas poderiam prestar aos Centros Espíritas?

Marlene – Os médicos que compõem as diretorias das AMEs, em sua grande maioria, já têm atividades regulares nas Casas Espíritas, e, normalmente, estão ligados à obra assistencial desenvolvida por elas. Temos também uma contribuição a dar no que se refere à explanação de temas específicos da área médica aos trabalhadores das Casas Espíritas. Com este trabalho conjunto, esperamos contribuir, ainda que modestamente, para que o abnegado servidor possa cumprir, mais confiante, a sua importante tarefa de agente da saúde humana.

Pensamos também que, talvez, isto possa influir para diminuir os casos de aconselhamentos errôneos, que, infelizmente, ainda ocorrem em algumas Casas Espíritas. É o caso, por exemplo, em que se recomenda ao paciente de câncer, epilepsia, transtorno mental etc., que suspenda a medicação passada pelo médico, redundando, algumas vezes, em conseqüências desastrosas para ele. Mas é preciso ressaltar uma parceria de enorme valia que deveria ser incrementada, rapidamente, a do enriquecimento do prontuário do paciente com a anamnese espiritual. O Centro Espírita forneceria

ao médico ou profissional da saúde o relatório completo do tratamento complementar realizado, que incluiria fluidoterapia, sessões de desobsessão etc.; com isto, as AMEs teriam a possibilidade de fazer um bom levantamento estatístico e mesmo de montar uma pesquisa científica valiosa que incluiria a anamnese espiritual. Enfim, há um campo enorme a ser trabalhado e essa união entre Centro Espírita e AME tende a ser cada vez mais útil e proveitosa de parte a parte, assim como tem sido valiosa e frutífera a nossa aliança fraterna com a Federação Espírita Brasileira. ■

Irmão

Irmão é todo aquele que perdoa
Setenta vezes sete a dor da ofensa,
Para quem não há mal que o bem não vença,
Pelas mãos da humildade atenta e boa.

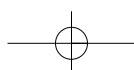
É aquele que de espinhos se coroa
Por servir com Jesus sem recompensa,
Que tormentos e lágrimas condensa,
Por ajudar quem fere e amaldiçoa.

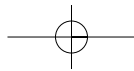
Irmão é todo aquele que semeia
Consolação e paz na estrada alheia,
Espalhando a bondade que ilumina;

É aquele que na vida transitória
Procura, sem descanso, a excelsa glória
Da eterna luz na Redenção Divina.

João de Deus

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Correio Fraterno*. Por Diversos Espíritos. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998, cap. 6, p. 22.





Repensando Kardec Da Lei do Trabalho

(Questões 674 a 685 de *O Livro dos Espíritos*)

Nesta parte de *O Livro dos Espíritos*, que trata das Leis Morais, a necessidade e o limite do trabalho tomam vulto especial no capítulo III da Parte 3ª da obra maior da Terceira Revelação de Deus à Humanidade.

Se nada mais escrevêssemos além dessa análise reflexiva, já teríamos dito o suficiente para que a missão de Allan Kardec fosse encarada por quem quer que a conhecesse como algo do mais sublimado teor.

Nosso propósito, no entanto, com estes estudos é bem outro. É aprofundar reflexões sobre mensagem tão luminosa quanto perfeita da Espiritualidade, cuja origem não temos condição de compreender senão como emanada das planuras celestiais.

Recordamos, através da História, que a ação de trabalhar era considerada de cunho tão ínfimo que os nobres não trabalhavam. Nada expressaria condição tão desprezível para um nobre como a de trabalhador; talvez por isso mesmo salientara Jesus – “*Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*” (João, 5:17) – ao ser censurado pelos fariseus por realizar uma cura num dia de sábado.

Na verdade, quem observa a Natureza e o próprio Universo vê

que em tudo há trabalho. A própria vida, em si mesma, é uma ação contínua de trabalho. E a história das civilizações premia-nos com exemplos magníficos de trabalho em todas as áreas do progresso. Do homem de nossos dias ao homem primitivo, parece-nos a distância de um salto apenas! Efetivamente, sem a bênção do trabalho estaríamos, ainda, na era da pedra lascada. Vê-se, pois, que na ação de trabalhar se encontra o principal fator que *arrestou* o homem primitivo à condição do *homo sapiens* de nossos dias, retardando-o apenas em moralidade.

Por trabalho, aqui, não entenda ninguém apenas as ocupações materiais. Por isso enganavam-se os nobres, quando malsinavam, principalmente na Idade Média dos senhores feudais, o trabalho como atividade inferior. Eles administravam seus bens e poderes, desconhecendo, por força do egoísmo, que isso também era ação de trabalhar.

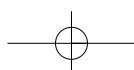
É que o homem ainda ignorava sua condição de Espírito eterno, que sempre trabalha quando pensa, quando estuda, quando faz Arte, quando procura ser útil. O homem de mente elevada sente que o trabalho se lhe impõe, como consequência espiritual, no comando do corpo. Mas, só nisso? Claro que não! Na

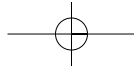
Casa do Pai tudo trabalha, mesmo os Espíritos ainda de condição inferior trabalham (LE, questão 540).

Eis que sua alimentação, sua segurança e bem-estar estarão sempre na dependência de certa atividade, e que essa atividade é trabalho. Assim, quando extremamente fraco o homem, Deus lhe desenvolve a inteligência como compensação da fraqueza, apontando-lhe recursos de ação criadora e produtiva, do que encontramos exemplos em toda a parte.

Observemos uma vez mais a Natureza, no mundo dos seres simples e irracionais. O que vemos é que não há inação em parte alguma. Tudo trabalha, a partir do átomo com seus elétrons e prótons em ininterrupta movimentação no seio das coisas, mesmo inorgânicas, estruturando, assim, os seres do futuro.

Nas plantas, nos irracionais, nos seres mais pequeninos e simples, na terra e nos mares, tudo se agita, buscando vida e conservação. No homem, porém, o trabalho tem duplo fim: a conservação ideal do corpo – saúde e bem-estar – e o desenvolvimento da capacidade de pensar, de refletir, de aprender mais e mais. Atentemos, por exemplo, no que está expresso no item 11 do capítulo XVII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, para melhor reflexão.





Eis que na questão 678, o Codificador do Espiritismo, numa indagação aos Espíritos Superiores, leva-nos a pensar nos mundos mais aperfeiçoados do Universo, ensinando-nos que lá também há necessidades que só serão satisfeitas através do trabalho incessante.

O cientista de nossos dias asseta seus instrumentos de observação na direção do espaço cósmico, e ao captar a imagem do nascimento de um sistema galático, há milhares de anos-luz, extasia-se e exclama: “*Um big-bang, é o nascimento do Universo!*” Porque não tem, ainda, alcance para entender que o Universo é ação da plenitude infinita de Deus, e que a Criação é permanente, nunca se interromperá!

Repitamos, mais uma vez, a afirmação de Jesus registrada por João (5:17): “*Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.*”

Recordemos aqueles que, por expiação ou prova, impossibilitados se encontram de trabalhar. E Deus, na sublimidade de Seu Amor e Justiça, manda-nos que, fraternalmente, lhes supramos as necessidades, à luz do Evangelho. Acentua, ainda, na questão 681, ser obrigação dos filhos assistirem os pais, quando a estes faltarem forças para trabalhar; e adverte toda a sociedade do dever de amparar os que se incapacitarem.

Quanto ao limite do trabalho e à necessidade do repouso, na velhice, quatro questões ocuparam a atenção dos Espíritos Reveladores, que confirmaram ser o repouso, também, lei natural da vida, tendo em vista que, fisicamente, o trabalho pode exercer desgaste na máquina física do corpo.

Desse modo, o limite do trabalho é decorrente do limite das for-

ças. Não obstante, quanto a isso, Deus deixa o homem entregue ao seu próprio arbítrio, sem isentá-lo da responsabilidade de prover o que lhe for necessário, na ordem física, social e moral.

Na velhice, por exemplo, pode ocorrer total incapacidade, no homem, para trabalhar, diante do que não lhe deve faltar assistência da própria sociedade através do Estado. Pois, que há de fazer o velho que já não pode trabalhar e precisa sobreviver? Na verdade, infelizmente, há países de sociedades ainda tão atrasadas moral e espiritualmente

que nem mesmo o poder público se faz atento a esse tipo de compromisso fraternal...

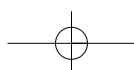
Gostaríamos de estender-nos mais sobre um melhor aprofundamento em torno do pensamento do inspirado Missionário da Doutrina do Consolador. Em face, porém, de nossas deficiências, deixamos a cargo do leitor refletir bem nas indagações do mestre Allan Kardec a respeito do que compete à educação moral, social e cívica, tão necessária ao desenvolvimento espiritual do homem... ■

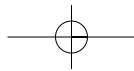
Trabalho e Educação

Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de *ordem e de providência* para consigo mesmo e para com os seus, *de respeito a tudo o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.

Allan Kardec

Fonte: *O Livro dos Espíritos*. Parte 3ª, cap. III, questão 685a (Comentário).





A aparência e a essência

Richard Simonetti

Lucas, 18:9-14.

Uma das características principais dos fariseus, membros da poderosa seita que implicava com Jesus e acabou provocando sua morte, era o empenho em ostentar virtudes que não possuíam.

Representavam uma falsa religiosidade. Bons atores, tinham prestígio junto ao povo, que os considerava homens santos.

Um ditado popular poderia ser aplicado a eles:

Por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento.

Jesus falava algo semelhante, ainda mais contundente:

Comparava-os a sepulcros caiados. Brancos por fora, cheios de imundície por dentro. Imagem forte, mas real. Nada mais lamentável do que a falsa religiosidade.

O farisaísmo ficou como sinônimo de hipocrisia religiosa, a pior de todas. Um religioso empenhado em simular virtudes é uma obra-prima de desfaçatez e desonestidade.

...

Publicanos eram cobradores de impostos, uma profissão normal em qualquer país. São funcionários do governo.

Ocorre que ao tempo de Jesus a Palestina estava sob domínio romano e os romanos controlavam a arrecadação, ficando com boa parte. Isso irritava profundamente os judeus, que se sentiam espoliados.

Por isso os publicanos, recrutados junto à população, eram execrados como traidores a serviço de Roma.

...

Para o povo, portanto, fariseus eram homens respeitáveis, virtuosos.

Publicanos eram homens sem caráter, desprezíveis, que se vendiam ao dominador romano.

Jesus usa essas duas personagens para contar interessante parábola.

Dois homens foram ao templo para orar.

Um fariseu e um publicano.

O fariseu, ostentando sua superioridade, sua proeminência, no seio da comunidade, orava em pé, proclamando em alta voz:

– Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros.

Graças vos rendo por não ser publicano, traidor do povo, explorador da bolsa popular.

Graças vos rendo porque cumpri meus deveres religiosos até o fim. Dou o dízimo de tudo o que possuo, jejuno duas vezes por semana, compareço fielmente ao Templo.

O publicano, por sua vez, conservando-se afastado, humilde, não ousava sequer erguer os olhos para o Céu. E dizia:

– Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.

Proclama Jesus:

– Declaro-vos que o publicano voltou em paz para sua casa, justificado perante Deus, enquanto que o fariseu nada recebeu, porquanto aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será exaltado.

...

Há, nessa parábola, preciosas orientações sobre a oração, envolvendo vários aspectos:

- Condição social.

Não importa se temos prestígio ou somos alguém menosprezado.

Vale apenas o sentimento que vai dentro de nós.

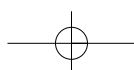
O fariseu, com aquela encenação, nada tinha a receber do Céu, porquanto sua intenção era a propaganda de si mesmo.

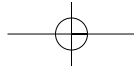
Já o publicano, humilde, reconhecendo suas limitações, fazia por merecer a ajuda do Céu.

- As palavras.

Não é preciso falar muito. Essencial é que haja sentimento.

O fariseu falou bastante. Apregoou uma superioridade que não





possuía e perdeu-se em palavras vazias.

O publicano foi econômico nas expressões. Deixou falasse o coração. O sentimento é o combustível que dá à oração o impulso necessário para que suba às alturas.

Num número fracionário temos o numerador, a parte de cima, que é divisível pelo denominador, o número de baixo.

Um terço de uma banana é uma banana dividida em três partes. O número um, numerador; o três, denominador.

Quanto maior o denominador, menor a fração. Um quinto de uma banana já é a banana dividida em cinco partes.

Consideremos, na oração, que o sentimento é o numerador. As palavras que compõem a oração representam o denominador. Quanto mais palavras, mais diluída e inexpressiva ficará a oração.

Um *Ai Jesus!*, em momento de dificuldade, com plena mobilização do sentimento, funciona muito melhor que mil palavras, sem nenhuma vibração.

- Isenção de ânimo.

Para que a oração alcance o objetivo é preciso depurar o coração. Jesus é enfático nesse ponto.

– *Se te aproximares do altar para fazer tua oferta e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a oferta de lado, vai procurar teu irmão e reconcilia-te com ele. Depois vem fazer a oferta.* (Mateus, 5:23-24.)

Há uma lógica irretocável nessas palavras.

Impossível alcançar graças na oração se temos mágoa de alguém. Seja o que for que nos tenha feito, trata-se de um filho de Deus! Como pedir algo ao Pai Celeste, detestando seu filho, nosso irmão?

Um homem foi abandonado por sua esposa, envolvida com um rapaz. Sofreu muito. Perturbou-se. Foi ao Centro Espírita. A par da ajuda mobilizada em seu benefício, foi orientado a buscar lenitivo na oração.

Ele reclamava que não lhe trazia nenhum benefício. O Céu parecia surdo aos seus apelos.

Consultado, um orientador espiritual alertou:

– Digam-lhe que é preciso perdoar a esposa. O rancor e a mágoa em seu coração neutralizam nossos esforços em seu benefício. Enquanto não os superar não recuperará a tranqüilidade.

Perpetuam-se, crescentes, os sofrimentos decorrentes do mal que nos façam, quando não perdoamos.

- Valorização.

Oração é alimento.

Ninguém pode passar muito tempo sem ingerir alimentos. Sustentam o corpo. A oração sustenta a alma. Quando oramos é como se, sob o ponto de vista espiritual, abrissemos a boca para sorver as bênçãos de Deus.

Quem não ora vive ao sabor das circunstâncias, sem coragem para enfrentar as lutas da existência, sem inspiração para resolver os problemas do cotidiano. E pior, sem disposição para superar suas próprias fraquezas.

Nas reuniões mediúnicas, de contato com Espíritos sofredores que vivem perturbados e aflitos na

Espiritualidade, sem mesmo perceber sua condição de desencarnados, notamos que geralmente não estão habituados à oração.

Quando o salmista diz *ainda que eu andasse pelo vale de sombras da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo*, exprime a confiança de quem não tem medo, porque está perto de Deus, cultivando a oração.

Quando a pessoa está sob tensão nervosa, enfrentando problemas existenciais e perturbações, tem dificuldade para concentrar o pensamento e elevar o sentimento na oração.

Esse problema pode ser resolvido se nos habituarmos a conversar com Deus ou com Jesus, como quem conversa com um pai ou um irmão mais velho.

...

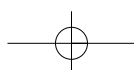
Às vezes há uma reação desagradável à oração.

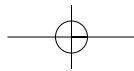
Pessoas com problemas psíquicos, por exemplo, sentem, não raro, o agravamento de seus sintomas.

É que, conduzidas ao seu universo íntimo pela introspecção decorrente da oração, esbarram em seus próprios desajustes, como quem fosse levado ao contato com um monturo.

A oração aqui se assemelha a uma faxina que fazemos numa casa empoeirada. Em princípio levanta pó, podemos experimentar uma alergia, mas é preciso insistir, até limpar toda a poeira. Então, com a casa mental em ordem, haveremos de nos sentir melhor.

Podemos pensar, também, na oração como um remédio, que em princípio provoca uma reação orgânica, recrudescendo os sintomas.





Por isso, é preciso insistir, até a depuração.

Detalhe importante:

Se estamos sob influência espiritual negativa, os nossos perseguidores ampliarão sua pressão, passando a impressão de que a oração não está surtindo efeito. Até pioramos...

Insistamos e eles acabarão desistindo.

...

Considerando que a oração é sentimento, uma conversa íntima com Deus, nosso Pai, pergunta-se:

Será lícito pronunciar o Pai-Nosso, como uma forma de oração?

Claro que sim. Apenas devemos lembrar que não estamos diante de uma fórmula verbal. Trata-se de uma orientação de como orar, dos sentimentos que devemos mobilizar.

Diríamos que o Pai-Nosso deve ser um ensejo de reflexão sobre a presença de Deus em nossas vidas.

Algo semelhante que faz o Espírito José Silvério Horta, sacerdote desencarnado, em belíssima poesia intitulada *Oração*, psicografada por Francisco Cândido Xavier...*

*Pai Nosso, que estás nos Céus,
Na luz dos sóis infinitos,
Pai de todos os aflitos
Deste mundo de escarcéus.*

*Santificado, Senhor,
Seja o teu nome sublime,
Que em todo o Universo exprime
Concórdia, ternura e amor.*

*XAVIER Francisco C. *Parnaso de Além-Túmulo*, por Diversos Espíritos, 16. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 351-352 – Edição Comemorativa – 70 Anos.

*Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de claridade
Na estrada da redenção.*

*Cumpra-se o teu mandamento
Que não vacila nem erra,
Nos Céus, como em toda a Terra
De luta e de sofrimento.*

*Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão do caminho,
Feito na luz, no carinho
Do pão espiritual.*

*Perdoa-nos, meu Senhor,
Os débitos tenebrosos,*

*De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.*

*Auxilia-nos, também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar nossos irmãos
Que vivem longe do bem.*

*Com a proteção de Jesus,
Livra nossa alma do erro,
Sobre o mundo de desterro,
Distante da vossa luz.*

*Que a nossa ideal igreja
Seja o altar da Caridade,
Onde se faça a vontade
Do vosso amor... Assim seja. ■*

Solução natural

Os espíritos benfeitores já não sabiam como atender à pobre senhora obsidiada.

Perseguidor e perseguida estavam mentalmente associados à maneira de polpa e casca no fruto.

Os amigos desencarnados tentaram afastar o obsessor, induzindo a jovem senhora a esquecê-lo, mas de balde.

Se tropeçava na rua, a moça pensava nele...

Se alfinetava um dedo em serviço, atribuía-lhe o golpe...

Se o marido estivesse irritado, dizia-se vítima do verdugo invisível...

Se a cabeça doía, acusava-o...

Se uma xícara se espatifasse, no trabalho doméstico, imaginava-se atacada por ele...

Se aparecesse leve dificuldade econômica, transformava a prece em crítica ao desencarnado infeliz...

Reconhecendo que a interessada não encontrava libertação, por teimosia, os instrutores espirituais ligaram os dois – a doente e o acompanhante invisível – em laços fluídicos mais profundos, até que ele renasceu dela mesma, por filho necessitado de carinho e de compaixão.

Os benfeitores descansaram.

O obsessor descansou.

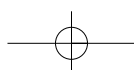
A obsidiada descansou.

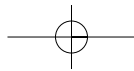
O esposo dela descansou.

Transformar obsessores em filhos, com a bênção da Providência Divina, para que haja paz nos corações e equilíbrio nos lares, muita vez é a única solução.

Hilário Silva

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Luz no Lar*, Diversos Autores Espirituais. 8. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1997, cap. 32, p. 82-83.





A vida além da morte: memórias de uma psiquiatra

João Luiz Romão

“Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” Paulo (I Cor, 15:55.)

Em 1998 foi lançado no Brasil o livro *A Roda da Vida: memórias do viver e do morrer*, da psiquiatra americana Elisabeth Kübler-Ross, que faz nesta obra sua autobiografia.

A partir de determinada fase de sua vida profissional como médica, a Dra. Kübler-Ross se lançou como pioneira na investigação do fenômeno da morte e do morrer, especificamente em pacientes terminais. E após décadas de pesquisas, entrevistas, livros publicados e a vivência do dia-a-dia com a dor daqueles que estão morrendo, chega à seguinte conclusão: *a morte não existe!*

Para nós, espíritas, é uma afirmação mais do que natural. Mas, Elisabeth Kübler-Ross sofreu muitas perseguições e preconceitos a partir dessa postura, principalmente dos colegas de profissão.

Nessas memórias é relatado todo o seu processo de descoberta da inexistência da morte, tendo participado de várias reuniões de intercâmbio mediúnico a partir dos anos 70, nas quais encontrou o estímulo dos seus amigos desencarnados pa-

ra continuar sua principal tarefa: *dizer ao mundo que a morte não existe.*

Em determinado trecho do seu livro, no capítulo intitulado “A Vida Além da Morte”, relata que apesar de ter tratado durante vários anos de doentes terminais e com eles convivido, não acreditava na vida depois da morte. Mas, os fatos viriam provar o contrário.



Elisabeth Kübler-Ross

Por volta de 1973 a Dra. Kübler-Ross, junto com seus assistentes, tinham entrevistado, aproximadamente, *vinte mil pessoas* à beira da morte. O interessante é que os relatos eram muito semelhantes. A partir deles chegou a uma nova definição de morte diferente da definição tradicional como o fim de tudo. Passou a considerar como prova

a de que o homem possui (ou é) um Espírito (ou alma) e que além da existência física, algo sobrevivia e continuava.

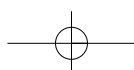
De acordo com suas entrevistas notou que o processo do morrer ocorria em diversas fases distintas, as quais resumiremos e nos fixaremos na fase 4, que mais especialmente nos interessa.

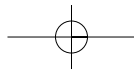
Na fase 1 (segundo seu relato) as pessoas, em determinado momento, flutuavam fora de seus corpos e presenciavam tudo o que se passava ao redor, inclusive ouvindo o que outras pessoas falavam entre si, testemunhando, após a volta ao corpo físico, o que tinham presenciado e escutado.

Na fase 2, elas se sentiam extremamente reconfortadas ao descobrirem que *nenhum ser humano morre sozinho*, encontrando amigos, familiares ou aqueles que denominavam como seus guias.

Na fase 3, guiados por seus “anjos da guarda”, os pacientes se viam entrando por lugares descritos como túneis, portões intermediários, pontes, desfiladeiros de montanhas, vales etc.

Na fase 4, Elisabeth relata que: *“Neste estágio as pessoas passavam por uma revisão de suas vidas, um processo no qual se viam diante da totalidade de suas vidas.”*





Repassavam cada ação, palavra e pensamento. As razões de cada uma de suas decisões, pensamentos e ações tornavam-se compreensíveis. Viam como suas ações tinham afetado outras pessoas, até pessoas desconhecidas. Viam o que suas vidas poderiam ter sido, o potencial que tinham. Era mostrado a elas de que modo as vidas de todas as pessoas estão entrelaçadas, que cada pensamento e ação tem o efeito de uma ondulação e que esta atinge todas as outras formas de vida do planeta.”¹

Vemos em seus relatos um paralelo importante com a Doutrina Espírita. Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*² na questão 306, pergunta aos Benfeitores espirituais:

306. O Espírito se lembra, pormenorizadamente, de todos os acontecimentos de sua vida? Apreende o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo? R: *Lembra-se das coisas, de conformidade com as conseqüências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante (...).*

Nos itens *a* e *b*, da mesma questão, os Espíritos benfeitores mostram que a lembrança de muitos acontecimentos em suas minudências é de grande importância para nós, desde que tenha utilidade. A pessoa compreende a necessidade de sua purificação em cada existência, ou seja, o esforço para melhorar-se moral e intelectualmente. Na questão 307 continua:

307. Como é que ao Espírito se lhe desenha na memória a sua vida passada? Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que se lhe apresenta à vista? R: *De uma e outra formas. São-lhe como que presentes todos os atos de*

que tenha interesse em lembrar-se (...).

Esse fenômeno, percebido por Elisabeth Kübler-Ross em quase todas as suas entrevistas, vai encontrar um respaldo mais detalhado em diversos relatos contidos nos livros do Espírito André Luiz, que chamaremos de **visão panorâmica pós-morte**. Em uma de suas obras³, na desencarnação de Dimas, o assistente Jerônimo, junto de André Luiz, efetuando o desligamento final, assevera:

“(...) Por enquanto, repousará ele na contemplação do passado, que se lhe descortina em visão panorâmica no campo interior.”

As narrativas e os relatos efetuados pelos pacientes da Dra. Kübler-Ross vêm confirmar as respostas dadas pelos Espíritos responsáveis pela codificação do Espiritismo: a de que a morte não existe e que a vida continua. Acrescentando, ainda, que no instante do trânsito para “o lado de lá” somos convidados a um exame de todas as nossas

atitudes na última existência, bem como das conseqüências de nossas ações e omissões. Conforme nos aponta o Espírito Emmanuel, com as palavras da sabedoria e da experiência:

“(...) a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal (...).”⁴ ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *A Roda da Vida*. GMT: Rio de Janeiro: 1998, parte III, p. 214.

²KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, Parte 2ª, cap. VI, item “Recordação da existência corpórea”.

³XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da Vida Eterna*, pelo Espírito André Luiz. 2. ed. especial, Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. 13, p. 233.

⁴_____. *Nosso Lar*, pelo Espírito André Luiz, 2. ed. especial, Rio de Janeiro: FEB, 2003, “Novo amigo”, p. 9.

Morte

A morte é oportunidade para que pensemos na existência da alma, na sua sobrevivência e comunicabilidade com os vivos da Terra, através dos médiuns, da intuição, ou durante o sono.

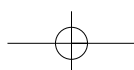
A morte é, ainda, ensejo para que glorifiquemos a Indefectível Justiça, que preside a vida em todas as suas manifestações.

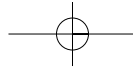
Na linguagem espírita, a morte é, tão-somente, transição de uma para outra forma de vida. Mudança de plano, simplesmente.

(...) a morte não é ocorrência aniquiladora da vida, mas, isto sim, glorioso cântico de Imortalidade, em suas radiosas e sublimes manifestações.

Martins Peralva

Fonte: *O Pensamento de Emmanuel*. 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 34, p. 210.





ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

O tesouro maior

“Porque, onde estiver o vosso tesouro,
ali estará também o vosso coração.”
— *Jesus*. (Lucas, 12:34.)

No mundo, os templos da fé religiosa, desde que consagrados à Divindade do Pai, são departamentos da casa infinita de Deus, onde Jesus ministra os seus bens aos corações da Terra, independentemente da escola de crença a que se filiam.

A essas subdivisões do eterno santuário comparecem os tutelados do Cristo, em seus diferentes graus de compreensão. Cada qual, instintivamente, revela ao Senhor onde coloca seu tesouro.

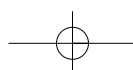
Muitas vezes, por isso mesmo, nos recintos diversos de sua casa, Jesus recebe, sem resposta, as súplicas de inúmeros crentes de mentalidade infantil, contraditórias ou contraproducentes.

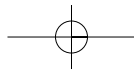
O egoísta fala de seu tesouro, exaltando as posses precárias; o avarento refere-se a mesquinhas preocupações; o gozador demonstra apetites insaciáveis; o fanático repete pedidos loucos.

Cada qual apresenta seu capricho ferido como sendo a dor maior.

Cristo ouve-lhes as solicitações e espera a oportunidade de dar-lhes a conhecer o tesouro imperecível. Ouve em silêncio, porque a erva tenra pede tempo destinado ao processo evolutivo, e espera, confiante, porquanto não prescinde da colaboração dos discípulos resolutos e sinceros para a extensão do divino apostolado. No momento adequado, surgem esses, ao seu influxo sublime, e a paisagem dos templos se modifica. Não são apenas crentes que comparecem para a rogativa, são trabalhadores decididos que chegam para o trabalho. Cheios de coragem, dispostos a morrer para que outros alcancem a vida, exemplificam a renúncia e o desinteresse, revelam a Vontade do Pai em si próprios e, com isso, ampliam no mundo a compreensão do tesouro maior, sintetizado na conquista da luz eterna e do amor universal, que já lhes enriquece o espírito engrandecido.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*. 23. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. 64, p. 143-144.





PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Chico Xavier – Psicografia de 1927 a 1931*

Elias Barbosa

De quando a quando líamos, aqui e ali, anotações de escritores e jornalistas desfavoráveis ao Espiritismo, apresentando o médium Francisco Cândido Xavier à feição de pastichador, simplesmente porque a imprensa do Brasil e de Portugal lhe lançara o nome – F. Xavier – ao mundo das letras, em algumas páginas de prosa e poesia, entre 1929 e 1931, quando o médium de Emmanuel mal chegara aos vinte de idade.

Se Chico Xavier, desde a publicação de “Parnaso de Além-Túmulo”, em 1932, nunca mais compareceu nos jornais e revistas, na condição de autor de qualquer trabalho literário, por que não investigavam a razão desse procedimento diferente? Entendendo-se que a produção extensa e preciosa que lhe assinala a bagagem mediúnica perdura, ininterrupta, no largo tempo de sete lustros consecutivos, não seria justo considerar as páginas de sua primeira juventude como ensaios dos próprios poetas desencarnados a lhe exercitarem as faculdades, através da inspiração? Por que

* Artigo publicado em *Reformador* de setembro 1967, p. 5(191)-8(196).

as diatribes dos inimigos do Espiritismo contra o médium, nesse sentido, se trinta e cinco anos de ação medianímica, segura e construtiva, pesam sobre apenas dois anos de experimentos?

Tais perguntas vagavam em nossa mente, quando *Reformador* de julho findo nos ofereceu o notável artigo do Professor Ismael Gomes Braga “Chico Xavier em 40 anos” –, explicando como se verificou a publicação das páginas primitivas da psicografia de Chico Xavier. Entusiasmados com os esclarecimentos trazidos à luz e honrando-nos hoje com a amizade e a confiança do médium que reside, ao nosso lado, em Uberaba, e de cujas faculdades mediúnicas temos tido provas exuberantes, resolvemos ouvi-lo sobre aquele recuado período de suas atividades. De nossa conversação, que clareia ainda mais informes do nosso caro Professor Ismael Gomes Braga, surgiu a presente entrevista que tomamos a liberdade de oferecer aos leitores amigos e confrades espíritas, isso com vistas não só a observações valiosas do presente, como também aos estudos que o futuro nos exija realizar, em torno do trabalho genuíno de nossos instrutores espirituais, através das obras medianímicas de nosso companheiro, a quem justamente felicitamos pelos seus quarenta anos de mediunidade bem vivida, no Espiritismo com Jesus.

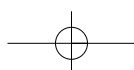
Passemos, pois, ao nosso inquérito afetivo, cujas respostas recolhemos corretamente, atentos que estamos ao seu alto valor.

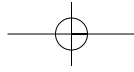
– *Chico, estimaríamos ouvir Você com respeito às informações prestadas pelo nosso caro Professor Ismael Gomes Braga, em artigo lançado pelo “Reformador” de julho último. É verdade que Você, a princípio, em seus trabalhos psicográficos, recebeu muitas páginas mediúnicas, sem assinatura dos Espíritos que as elaboravam?*

– Sim. O nosso querido confrade Ismael Gomes Braga está muito bem informado. Tivemos nós ambos muitos contactos pessoais, quando me achava ainda em Pedro Leopoldo, e tive oportunidade de narrar a ele muitos fatos curiosos do tempo em que me via com a mediunidade começante sob os princípios espíritas cristãos.

– *Poderá dizer-nos como acontecia a recepção dessas páginas?*

– A pergunta me obriga a recordar os meus tempos de escola primária. Desde muito cedo, na atual reencarnação, achei-me diante dos amigos desencarnados. Muitas vezes em aula, quando criança, ouvia vozes dos Espíritos ou sentia mãos sobre as minhas, mãos que eu sentia vivas, guiando meus movimentos de escrita, sem que os outros as vissem. Isso me criava mui-





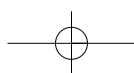
tos constrangimentos. Lembrarei um episódio curioso. Em 1922, eu contava doze anos de idade e frequentava o quarto ano do Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo. Era o ano de muitas comemorações do primeiro centenário da independência do nosso País. O Governo do Estado de Minas Gerais instituiu prêmios para os alunos de todas as classes de quarto ano das escolas primárias, que apresentassem as melhores páginas sobre a História do Brasil. Era um concurso a que todos nós, as crianças de quarto ano, em Minas, devíamos comparecer. Nossa professora, D. Rosária Laranjeira, abnegada educadora mineira, profundamente respeitada nos círculos de magistério em nosso Estado, desencarnada, há alguns anos, em Belo Horizonte, e que lecionava, nesse tempo, em Pedro Leopoldo, marcou data para a referida prova. Abertos os trabalhos no dia indicado, quando começávamos os preparativos para a escrita, vi um homem, ao meu lado, ditando como eu deveria escrever. Assustei-me, pois perguntei ao meu companheiro de banco, Alencar de Assis, se ele estava vendo essa pessoa, e ele me disse não ver ninguém, acrescentando que eu estava com medo da prova e que era preciso sossegar-me. O homem, contudo, disse-me o primeiro trecho que eu deveria escrever. Tendo ouvido claramente, pedi licença para levantar-me e fui ao estrado no qual a professora estava sentada. Então, disse a ela, em voz baixa: “Dona Rosária, perto de mim, na carteira, eu vejo um homem ditando o que devo escrever.” Apesar de ser ainda muito jovem, naquele tempo, era ela uma criatura de

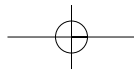
imensa bondade e de profunda compreensão, sempre me ouvindo com grande paciência. Depois de escutar-me, perguntou igualmente, em voz baixa: “Que é que esse homem está mandando você escrever?” Eu repeti o que ouvira do Espírito, explicando: “Ele me disse que eu devo começar a prova, contando assim: “O Brasil, descoberto por Pedro Álvares Cabral, pode ser comparado ao mais precioso diamante do mundo que logo passou a ser engastado na Coroa Portuguesa...” Ela mostrou admiração no



semblante, mas me falou em voz mais baixa ainda: “Volte, meu filho, para a sua carteira e escreva a sua prova. A sala está repleta de pessoas que nos observam e agora não é o momento de você ver pessoas que ninguém vê. Não acredite que esteja escutando estranhos. Você está ouvindo a você mesmo. Dê atenção ao seu pensamento. Cuide de sua obrigação e não fale mais nisso.” Voltei e escrevi o que o Espírito ditava, porque ou eu escrevia ou desobedeceria a ela, a quem respeitava e amava muito. Nossas provas foram reunidas às outras de todo o Estado, na Secretaria da Educação,

em Belo Horizonte. Passados alguns dias, o nosso Grupo em Pedro Leopoldo recebeu a notícia de que as autoridades na capital mineira me haviam distinguido entre os alunos classificados com Menção Honrosa, o que era demais para mim. Dona Rosária Laranjeira ficou muito satisfeita, mas, de minha parte, sabia que as páginas não eram minhas. Amigos de Pedro Leopoldo tomaram conhecimento do assunto e houve quem dissesse que eu havia copiado o trabalho de algum livro de História. Dona Rosária acreditava em minha sinceridade, mas a nossa turma no Grupo ficou dividida. Alguns colegas admitiam que eu falava a verdade, outros me consideraram mentiroso. Muito me desgostavam as acusações que passei a sofrer na vida escolar, até que, um dia, em aula, um colega afirmou que se eu virá *um homem do outro mundo*, ditando a prova pela qual fora premiado, era natural que eu visse esse homem, outra vez, ali mesmo e naquela hora, ao lado de todos, para escrever sobre algum assunto que a própria classe viesse a apresentar. Nesse justo instante, tornei a ver *o homem que os outros não viam* e comuniquei à professora que ele me dizia estar pronto para escrever. Dona Rosária Laranjeira hesitou em aceitar o oferecimento; entretanto, os meus colegas pediram em voz alta para que eu atendesse. A professora, então, me permitiu ir ao quadro-negro, a fim de escrever à vista de todos. “Qual é o tema para o Chico?” – perguntou um dos meninos. Uma nossa colega, de nome Ocarlina Leroy, lembrou: “Gostaria que o tema fosse areia, porque tenho carregado muita areia para





auxiliar uma pequena construção de meu pai.” Todos os meninos presentes riram-se da lembrança e acharam que areia era uma coisa desprezível. Alguns fizeram piadas, mas o pedido de Ocarlina foi sustentado. Eu devia escrever uma composição usando giz no quadro-negro, sobre areia. Lembro-me de que o Espírito amigo, ali, ao meu lado, começou ditando: “Meus filhos, ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina refletindo o sol de Deus...” A composição foi escrita com muitas idéias que eu seria incapaz de conceber nos meus doze anos de idade. Os meninos ficaram em silêncio, por alguns instantes, e quando voltaram a conversar, a nossa professora determinou o encerramento do assunto. Daí em diante, Dona Rosária proibiu qualquer comentário na classe sobre pessoas invisíveis. Nem eu podia dar notícias de coisas estranhas que eu visse e nem os meus colegas deveriam perguntar-me qualquer coisa fora de nossos estudos.

Como é fácil de verificar, desde a infância estou no meio de quem acredita e de quem não acredita no Mundo Espiritual, e as mensagens do Mundo Espiritual vão surgindo comigo, dando-me, cada vez mais, o conforto da fé na vida além da morte...

– *Dona Rosária Laranjeira, a professora, não procurou ouvir Você, em particular, sobre as suas observações na classe?*

– Sim, ela me ouvia sempre com muita bondade, mas orientou meu coração para atitude religiosa, dizendo que eu precisava de

muita confiança em Deus para viver. Muitas vezes, ela conversou a meu respeito com o padre Sebastião Scarzelli, que me confessava frequentemente, pedindo a ele para me ajudar.

– *Dona Rosária era católica?*

– Era católica fervorosa.

– *Como dirigia Você para a atitude religiosa?*

– Dava-me escritos católicos para ler, infundia-me profundo respeito aos ofícios da religião, argüía-me sobre o catecismo e me ensinava o orar. Um dia perguntei a ela: “Dona Rosária, para quem devo rezar mais? Para Jesus ou para Nossa Senhora?” Ela se compadeceu de minha confiança infantil e me respondeu: “Chico, nós todos precisamos rogar a proteção de Jesus, mas você ficou sem mãe muito cedo. Reze todas as noites, pedindo a Nossa Mãe Santíssima para que te guarde e te proteja.”

– *Dona Rosária Laranjeira teve muita influência em sua infância?*

– Muita. Ela era imensamente generosa. Um dia propôs a meu pai levar-me com ela para Belo Horizonte, onde se encarregaria de minha educação, mas meu pai não pôde consentir, porque eu já trabalhava na Fábrica de Tecidos, em Pedro Leopoldo.

– *Quer dizer que quando Você começou a receber páginas mediúnicas sem assinatura, entre 1927 e 1931, já estava familiarizado com dúvidas e discussões?*

– Sim.

– *Como é que muitas dessas*

produções foram parar na imprensa não espírita?

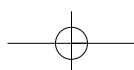
– Meu irmão José Cândido Xavier e alguns amigos de Pedro Leopoldo, como, por exemplo, Ataliba Ribeiro Vianna, achavam que as páginas deviam ser publicadas com meu nome, já que não traziam assinatura, e essas publicações começaram no jornal espírita “Aurora”, do Rio de Janeiro, que era dirigido, nessa época, pelo nosso confrade Ignácio Bittencourt, a quem Ataliba escreveu perguntando se havia algum inconveniente em lançar as citadas páginas com meu nome. Ignácio Bittencourt respondeu que não via inconveniente algum, desde que as produções escritas por minhas mãos não trouxessem assinatura. Ninguém poderia afirmar se eram minhas ou não, e que ele as publicaria, não por meu nome, mas pelas idéias espíritas que elas continham. Aí começaram nossos amigos de Pedro Leopoldo a enviar essas produções para diversos setores, obedecendo ao entusiasmo pelos trabalhos nascentes da Doutrina Espírita, em nossa terra.

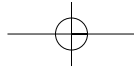
– *Lembra-se de publicações não espíritas que divulgaram seus trabalhos mediúnicos?*

– O “Jornal das Moças”, do Rio, o “Almanaque de Lembranças”, de Portugal, o Suplemento Literário de “O Jornal” foram dos órgãos não espíritas que publicaram muitas dessas páginas, entre 1927 e 1931.

– *Tem no seu arquivo particular algumas delas?*

– Não tenho. A mediunidade com a Doutrina Espírita absorveu-me todas as atenções, desde o apa-





recimento de Emmanuel, em meu caminho, no ano de 1931, e perdi o contacto com os frutos de minhas atividades iniciais.

– *Recorda, de modo particular, alguma produção que ficasse inesquecível em sua memória?*

– Sim, recordo-me de um soneto intitulado “Nossa Senhora da Amargura”, que, se não me engano quanto à data, foi publicado pelo “Almanaque de Lembranças”, de Lisboa, na sua edição de 1931. Eu estava em oração, certa noite, quando se aproximou de mim o Espírito de uma jovem, irradiando intensa luz. Pedeu papel e lápis e escreveu o soneto a que me refiro. Chorou tanto ao escrevê-lo que eu também comecei a chorar de emoção, sem saber, naqueles momentos, se meus olhos eram os dela ou se os olhos dela eram os meus. Mais tarde, soube, por nosso caro Emmanuel, que se tratava de Auta de Souza, a admirável poetisa do Rio Grande do Norte, desencarnada em 1900**. O soneto foi enviado a Portugal por meu irmão José, em meu nome, tendo sido a página publicada e tendo eu recebido de Lisboa uma carta de um dos colaboradores da formação do citado almanaque, com muitos elogios ao trabalho que não me pertencia.

– *Como passou a sua mediunidade psicográfica dessa fase de indecisão para a segurança precisa?*

– Isso aconteceu em 1931, quando o Espírito Emmanuel assumiu o comando de minhas modes-

tas faculdades. Desde então, tudo ficou mais claro, mais firme. Ele apareceu em minha vida mediúnica assim como alguém que viesse completar a minha visão real da vida. Tenho a idéia de que, até a chegada de Emmanuel, minha tarefa mediúnica era semelhante a uma cerâmica em fase de experiências, sem um técnico eficiente na direção. Depois dele, veio a orientação precisa, com o discernimento e a segurança de que eu necessitava e de que, aliás, todos nós precisávamos em Pedro Leopoldo.

– *Chico, Você não julga que essas produções esparsas, psicografadas por Você, entre 1927 e 1931, devem ser reunidas num volume para nossos estudos espíritas?*

– Muitas vezes, penso nisso, mas o nosso abnegado Emmanuel afirma que aquela fase de trabalho era de experimentação necessária e que devemos trabalhar sempre e caminhar para diante. E, nessa base do “trabalhar sempre e caminhar para diante”, estou procurando acompanhar o nosso querido orientador espiritual, há trinta e seis anos. Desde 1931, Emmanuel me tolera e me utiliza para escrever, quase que diariamente, e isso não me permite ocasião de voltar à retaguarda para reexaminar as páginas mediúnicas do princípio.

– *Sabe Você que os adversários do Espiritismo se valem das produções lançadas, com seu nome, entre 1927 e 1931, tentando desacreditar os seus trabalhos psicográficos?*

– Sei disso. A princípio muito me afligi com essas críticas, mas o nosso Emmanuel acalmou-me dizendo que dar muita resposta sobre

o caso, desde muito superado, seria perder tempo. E acentuou que todos os inimigos do Espiritismo, quando sinceros, mudam de opinião depois de desencarnados. Isso tem acontecido nestes meus pobres quarenta anos de mediunidade. Muitos inimigos gratuitos de nossa Doutrina, que tantas vezes nos ridicularizaram, me visitam atualmente em Espírito e me encorajam a servir na obra de Emmanuel, fazendo-me, muitas vezes, chorar de reconhecimento e emoção.

– *Como acredita Você devemos proceder com os escritores e jornalistas que nos perseguem?*

– Diz-nos Emmanuel que devemos ter paciência e bondade para com todos eles, explicando sempre que eles não nos injuriam porque sejam maus e sim por inexperiência, ante os assuntos da Vida Espiritual.

– *Você, nestes quarenta anos de mediunidade, foi procurado por muitos escritores interessados na sobrevivência do Espírito?*

– Sim, por alguns.

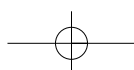
– *Pode dizer-nos algo de suas recordações junto deles?*

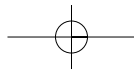
– Sim, mas pediria para que as minhas lembranças sobre escritores não espíritas fossem deixadas para outra ocasião, porque a hora está avançada.

Consultamos o relógio e concordamos. Vinte minutos depois de zero hora. Despedimo-nos de Chico Xavier e fixamos as presentes anotações para lembrar, estudar, raciocinar e discernir.

Uberaba, 1º de agosto de 1967. ■

**N.R. Data correta da desencarnação de Auta de Souza: 7 de fevereiro de 1901. (Ver *Paranoso de Além-Túmulo*.)





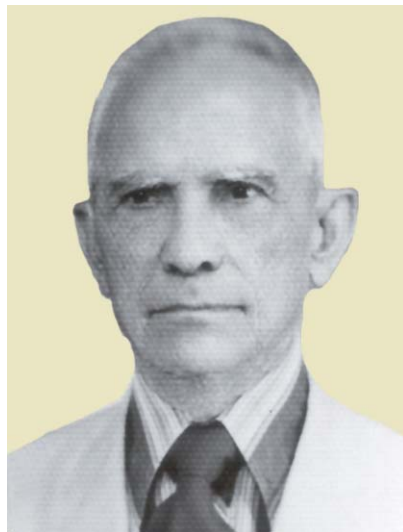
Henrique Magalhães – desencarnação

Às 6 horas do dia 2 de julho do corrente ano, retornou ao mundo espiritual, estando para completar 104 anos de uma existência toda dedicada à caridade, o Espírito de nosso muito querido companheiro Henrique Magalhães.

Seu corpo foi velado, durante o dia 2, na sede da Instituição Maria de Nazareth – Casa da Mãe Pobre –, na rua Frei Pinto, 16, para onde afluiu uma legião de amigos e de beneficiários de sua abençoada obra, ocasião em que a Casa de Ismael se fez representar por seu Diretor Lauro de O. São Thiago e pelo ex-Presidente Juvanir Borges de Souza.

O enterro se deu no dia seguinte, sábado, no Cemitério do Parque da Colina, em Niterói (RJ), ali comparecendo, em nome da Federação, o Diretor Affonso Soares, que se associou, com breve alocução, às tocantes homenagens que lhe foram prestadas.

Henrique Alves da Cunha Magalhães nasceu em 4 de setembro de 1900 (quatro meses após o passamento de Bezerra de Menezes), na Freguesia dos Telões, Conselho de Amarante, Distrito do Porto, em Portugal, filho de Manoel Alves da Cunha Magalhães e de Ana Augusta da Cunha Coutinho. Aos 12 anos de idade, na companhia de um casal de primos de seu genitor,

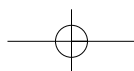


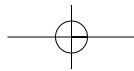
embarcou para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1912. Até 1920, trabalhou arduamente no comércio para ganhar o pão de cada dia, mas as seqüelas da “gripe espanhola”, contraída em 1919, obrigaram-no a retornar à casa paterna. Durante a viagem a enfermidade cedeu por completo, e Henrique, após visitar os pais, regressou ao Brasil, onde se estabeleceu definitivamente como comerciante. Em 1931, adoeceu novamente e fixou residência em Teresópolis, onde grassava uma epidemia de meningite. Com a filha mais nova atingida pela terrível enfermidade, Henrique, vendo-a piorar apesar dos desvelos do médico, aceitou a sugestão de obter uma receita homeopática dos Espíritos, não obstante sua aversão ao Espiritismo. Operou-se a “milagrosa” cura e Henrique começou a estudar

O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, compreendendo o quanto andava distanciado de Jesus.

Em 1937, o Alto, através do Espírito Dr. João de Freitas, exorta-o a que, juntamente com outros idealistas, empreenda a fundação, em 1941, da benemérita *Instituição Maria de Nazareth – Casa da Mãe Pobre*, que passou a dirigir, desde quando, em 1946, substituiu seu primeiro Presidente, o Dr. Coriolano de Góis, falecido naquele ano. Sob sua condução, as atividades da Instituição, inspiradas no amor da Mãe Santíssima, expandem-se sob a forma de serviços assistenciais de diversa natureza, prestados em Teresópolis – Creche e Lar Isabel a Redentora, Mansão dos Velhinhos, Grupo Escolar Isabel a Redentora –, e no Rio de Janeiro – Hospital Maternidade e Ambulatório Dr. João de Freitas, Abrigo Sylvia Penteado Antunes e Lar Lucílio Ribeiro Torres, Creche Marietta Navarro Gaio.

Com o magnetismo das almas que tudo sacrificam pelo bem do próximo e que confiam absolutamente na Providência Divina, sem se descuidarem de cumprir os deveres que lhes asseguram os favores celestes, Henrique Magalhães, não obstante desprovido de grandes recursos, atraíu para a sua benemérita obra o concurso de devotados idealistas, assim assegurando, com o indispensável sustento do Alto, a continuidade de um serviço digno





do venerando Espírito que o havia inspirado – Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus.

O querido companheiro ainda encontrava tempo, em meio a uma intensa atividade, para escrever livros com que edificasse as novas gerações e as atraísse para a Seara do Mestre, tendo saído de sua pena as obras *A Casa da Mãe Pobre – 50 anos de Amor*, 1991; *Como Fundar e Manter Obras Assistenciais*, 1995; *Em Prol da Mediunidade – Pequena História do Espiritismo*, 1998.

A Conferência Espírita Brasil-Portugal (16 a 19/3/2000) prestou-lhe sentida homenagem, por ocasião do seu centenário de nascimento, quando, por iniciativa de Francisco Bispo dos Anjos, a Federação Espírita do Estado da Bahia publicou um folheto em que, entre outros textos, figuram dados biográficos de nosso homenageado. Também a Federação Espírita Brasileira, em júbilo pelo grato evento, dedicou-lhe, em *Reformador* de novembro daquele ano, o artigo “Henrique Magalhães no seu Centenário”, de cujos informes biográficos nos servimos para a presente notícia.

Henrique Magalhães sempre foi um inestimável amigo da Federação Espírita Brasileira, tendo colaborado para a construção da Sede Central, em Brasília (DF), e do Departamento Gráfico, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro (RJ), para não falar do serviço silencioso e fiel, de todos os dias, em prol dos ideais que norteiam os destinos da Casa de Ismael na Terra. Foi membro de seu Conselho Fiscal durante vinte anos, membro de seu Conselho Superior desde 1975 e representante do Ceará no Conselho

Federativo Nacional, de 1951 a 1985.

Já no fim de sua existência, Henrique Magalhães, carregando as naturais limitações que a idade lhe impunha, afirmava feliz: “E continuo trabalhando, com a graça de Deus”, com que oferecia a seus irmãos de lutas terrenas uma profunda lição de bom ânimo e de perseverança no bem.

Agora, liberado do cárcere físico, no pleno uso de sua liberdade espiritual e animado pelo mesmo ideal a que consagrou a sua vida inteira, nosso irmão certamente terá

reafirmado, tanto às legiões luminosas que o aguardavam nas regiões felizes do mundo espiritual, como aos pequeninos aos quais serviu com o seu inquebrantável amor, o compromisso com Jesus, dizendo-lhes: “E continuarei trabalhando, meus irmãos, sempre com a graça de Deus!”

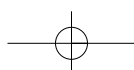
Deus o ilumine e ampare, Henrique Magalhães, caro Irmão e Companheiro de Ideal Espírita, são os votos sinceros de todos os que na Terra pudemos desfrutar de sua amizade, de sua generosidade, de seu amor fraternal! ■

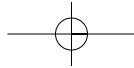
Homenagem a Kardec na FEB/Rio



Realizou-se na Sede Seccional da Federação Espírita Brasileira (Avenida Passos, 30 – Rio de Janeiro), às 16 horas do dia 8 de agosto, uma palestra pública de Divaldo Pereira Franco, comemorativa do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec.

Na ocasião, Divaldo autografou o livro *Impermanência e Imortalidade*, por ele psicografado, do Espírito Carlos Torres Pastorino, editado pela FEB.





A FEB E O ESPERANTO

Divaldo Pereira Franco e o Esperanto

Afonso Soares

Transcrevemos abaixo importante manifestação do médium Divaldo Pereira Franco, portadora de singular alento aos que têm trabalhado em favor do Esperanto nos círculos espíritas. A inspirada palavra de nosso irmão destaca, de forma assás inequívoca, o objetivo último de toda a movimentação desenvolvida em torno da genial criação de Lázaro Luís Zamenhof, que é o de adotar o Esperanto como língua para as relações internacionais dos membros da crescente família espírita mundial. E os primeiros passos para que tão significativa conquista venha um dia a se concretizar deverão efetivamente ser dados no órgão que coordena as relações internacionais dos movimentos espíritas disseminados pelo mundo.

Nosso companheiro, sempre sob alta inspiração, destaca o papel universalista da Doutrina Espírita a reviver o puro Cristianismo que, implantando a universal linguagem do Amor, promove a gradual destruição das diversas barreiras que têm separado os homens, inclusive a barreira dos idiomas, tanto mais renitente quanto mais enraizada, mais cultivada e, por isso mesmo, menos sentida, não obstante constituir-se em um dos mais resistentes

obstáculos ao franco progresso, material e espiritual, da Humanidade. E, sem dúvida alguma, o instrumento para destruir essa barreira é o Esperanto, o único idioma apto às práticas universalistas, implícitas e explícitas no ideário espírita.

As palavras de Divaldo são oportunas neste momento, quando o Conselho Espírita Internacional promove, em outubro próximo, o 4º Congresso Espírita Mundial.

Pronunciamento de Divaldo P. Franco para o Boletim nº 1 do CEI – Europa (1998)

“Mais uma vez constatamos a excelência da programática estabelecida pela Divindade no momento em que a comunidade europeia se levanta para apresentar ao mundo o eurodólar, demonstrando a necessidade de um intercâmbio mais profundo entre os países.

Depois de realizado o Conselho Econômico Internacional de natureza europeia, os Espíritos do Senhor programam o Conselho Espírita Internacional através do qual é possível unir os espíritas dos diversos países em torno da mesma bandeira da fraternidade.

Esse trabalho de coordenação tem por meta essencial unificar cada vez mais os espíritas, aproximando-os nos diferentes países com a língua internacional do amor, re-

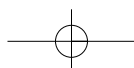
programada por Allan Kardec e veiculada pelo pensamento de Jesus.

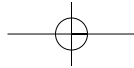
A Coordenação de Apoio do Movimento Espírita Europeu tem por meta contribuir de maneira eficaz para que as diretrizes da Doutrina Consoladora sejam vivenciadas por todos os núcleos que já existem ou que venham a surgir no continente europeu, fazendo com que em breve em todo o mundo a língua do vero Cristianismo restabelecido pela Doutrina Espírita seja o idioma real dos corações, despertando as nações para uma era melhor quando o mundo naturalmente estará melhor.”

Sobre as dificuldades na comunicação entre as diferentes línguas dos países que compõem o Conselho Espírita Internacional

“Para dirimir dificuldade desta natureza o Senhor da Vida providenciou que se reencarnasse em Bialistok, na Polônia, o emérito Espírita Lázaro Ludovico Zamenhof, que percebendo na cidade em que vivia, as disparidades lingüísticas e os ódios raciais que se derivavam da intolerância ancestral, construiu, por inspiração superior, o idioma Esperanto.

Apesar das vicissitudes experimentadas, da intolerância paterna, Zamenhof não desanimou e brindou o mundo com a língua neutra





internacional, através da qual se podem comunicar os homens sem maior sacrifício, estudando e preservando as raízes pátrias mediante o idioma nacional e estudando a língua auxiliar, que seria o laço profundo da fraternidade entre todas as nações.

O eminente professor Ismael Gomes Braga, oportunamente asseverou que o Espiritismo é o Esperantismo das Religiões e que o Esperanto é o Espiritismo das Línguas. Através desta perfeita identificação não será de duvidar-se que, em breve, os membros do Conselho Espírita Internacional (...) estejamos reunidos falando a língua Esperanto para melhor nos entendermos sem que tenhamos de enfrentar os obstáculos das traduções, as dificuldades opinativas, apresentadas, muitas vezes pelos intérpretes, que não conheçam os idiomas em que se devem expressar e menos ainda o conteúdo doutrinário.

Os idiomas ainda são paredes invisíveis que bloqueiam o intercâmbio entre os povos. Com o Esperanto ruem essas barreiras e nos poderemos melhor entender com a linguagem da Doutrina Espírita e a do Esperanto, podendo levar a mensagem a todo mundo, com a autenticidade que verteu do alto e de que Allan Kardec se fez o eminente Codificador. Merece que nos recordemos que tanto o Esperanto como o Espiritismo vieram praticamente na mesma hora, com menos de 25 anos de diferença, para que ambas as mensagens alcançassem o mundo, estabelecendo a era da verdadeira fraternidade e da libertação de consciência.” ■

O destino está escrito?

Ronaldo Miguez

Se nós não somos os responsáveis por nossas ações, nada nos poderá ser cobrado em termos de bem e mal, erro e acerto, virtude e imperfeição.

Mas como isso não faz o menor sentido, uma vez que sabemos por experiência que nossos atos trazem sempre uma conseqüência previsível, direcionável portanto segundo escolhas pessoais, estamos livres de pensar que nossas inteligências são inúteis. Sempre será possível interferir criativamente no processo existencial, e essa é a expressão clara e lúcida da vontade de Deus.

Por conseqüência, podemos lutar para superar adversidades, para alterar o rumo de circunstâncias indesejáveis, estamos liberados para sonhar e fazer projetos para o futuro. Podemos nos empenhar em concretizar esses projetos, podemos crer nas possibilidades que temos em mente, podemos lançar mão da fé como reforçador de nosso ânimo.

Tudo que precisamos ter em mente, em relação ao tema, é que Deus não nos “fabricou” como quem lança uma linha de robôs sem vontade própria. Não. Ao homem Ele concedeu a liberdade para aprender com o resultado de suas ações, e descobrir aos poucos o verdadeiro sentido da vida. Como determinismo de sua Divina vontade, ficou para nós o existir, e existir nesse Universo maravilhoso que nos foi dado por moradia pela eternidade afora. ■

Os fatalistas dizem que sim. Que Deus escreve de antemão todos os fatos de nossas vidas. Mas para que admitíssemos essa teoria teríamos que admitir também que:

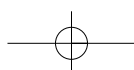
1) Deus então seria o único responsável por todas as coisas más que há no mundo, incluindo os atos nefandos do pior criminoso. Seriam todos expressão de sua vontade e escolha.

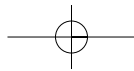
2) Se Deus fosse o autor do mal, não se poderia atribuir culpa nem pecado a ninguém. Logo, não se poderia falar em castigo ou condenação de qualquer espécie.

3) Se nós não temos o direito de fazer escolhas, qual seria a utilidade das revelações religiosas que nos exortam ao arrependimento e à reconsideração de nossos atos?

4) Se somos o enredo de uma história já escrita, não há sentido em ter fé, já que nada do que venhamos a fazer ou tentar mudará uma só linha da vida que estamos fadados a viver.

5) Se Deus é o responsável pela sorte das criaturas é também o dispensador dos privilégios e prejuízos que se evidenciam desde o nascimento, facilitando a vida de uns e dificultando a vida de outros sem um motivo justo.





A Reencarnação na visão espírita

José Passini

A volta do Espírito ao mundo corpóreo é conhecida desde tempos remotos. Os egípcios, os hindus e os gregos sabiam que a alma poderia voltar à Terra, usando um novo corpo. Esses povos acreditavam que, por efeito de determinada punição, essa volta à vida física poderia dar-se até num corpo animal.

Também os judeus sabiam da volta do Espírito ao mundo corpóreo, mas não há referências que admitissem pudesse esse retorno dar-se num corpo que não fosse humano. A reencarnação, para eles, ocorria em algumas situações um tanto especiais: ou para concluir o que não tivessem conseguido terminar numa vida, ou para serem punidos, em face de males praticados. Quando o doutor da lei perguntou a Jesus: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”¹, não estaria ele querendo que Jesus lhe ensinasse alguma fórmula especial, uma espécie de atalho, que o desobrigasse de voltar à Terra, numa nova encarnação? É difícil imaginar que o doutor da lei estivesse se referindo à obtenção da imortalidade, pois os judeus tinham convicção profunda

a esse respeito. Tudo indica que ele pretendia lhe ensinar Jesus um procedimento que o livrasse do retorno aos trabalhos do mundo, como acontece ainda hoje com pessoas que, ao se inteirarem da reencarnação – sem levarem em conta a necessidade evolutiva –, solicitam expedientes que lhes possibilitem não terem mais que voltar à Terra...

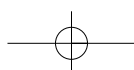
Há outra situação em que os judeus julgavam ser possível a reencarnação: o cumprimento de missão. O exemplo mais claro é o da esperada volta do Profeta Elias para a preparação dos caminhos do Messias, conforme atesta o próprio Mestre: “E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir”², referindo-se a João Batista.

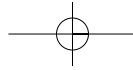
Coube ao Espiritismo trazer o conhecimento da reencarnação ao mundo ocidental, e o fez dando uma visão muito mais ampla e profunda, demonstrando que todos os Espíritos reencarnam, não apenas para a solução de equívocos de uma vida passada, ou para o cumprimento de determinada missão, mas pela necessidade inerente a toda a Criação: o imperativo do progresso, da evolução.

Em verdade, ainda que não houvesse nenhuma afirmação a respeito da pluralidade das existências, ela seria depreendida como necessi-

dade absoluta, em face da amplitude do programa de aperfeiçoamento da alma apresentado por Jesus, através do Evangelho. De quantos milênios vamos necessitar para pormos em prática, integralmente, um ensinamento como esse: “Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e caluniam.”³ De quantos milênios vamos necessitar, nós Espíritos ainda vacilantes entre o bem e o mal, que não sabemos amar plenamente nem os amigos? O Codificador demonstra sua visão lúcida a respeito do assunto, quando inquire os Espíritos: “Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?”⁴

A reencarnação – opondo-se frontalmente à salvação gratuita pela fé – dignifica o Espírito imortal, que vai galgando os degraus do aperfeiçoamento ao longo dos milênios sucessivos, crescendo em sentimento e intelectualidade, num trabalhoso processo de exteriorização da herança divina, concedida igualmente a todos os Espíritos. No nascedouro, todos absolutamente iguais. As diferenças individuais, portanto, não decorrem de capricho divino, mas sim do empenho de cada Espírito no sentido de promover o seu próprio progresso. Nesse caminhar,





vai recebendo, por justiça, os frutos de todo o bem semeado, e, em função dessa mesma justiça, é compelido a reparar os males praticados, mas não em igual medida, graças à misericórdia divina.

O Espiritismo, ao revelar ao mundo ocidental a reencarnação, prova que a verdade religiosa não é incompatível com a verdade científica, explicando que a evolução do Espírito caminha *pari passu* com a evolução física demonstrada por Darwin, ao tempo em que resgata diante da consciência humana um dos atributos básicos de um Ser Perfeito: a Justiça. Tudo provém de uma mesma fonte, todos partimos de um mesmo ponto, dotados da mesma potencialidade evolutiva, conforme ensinaram os Espíritos: “(...) É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo (...).”⁵ Por conhecer essa luz divina, imanente em toda a criação, é que Jesus lançou o desafio evolutivo: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...).”⁶

A evolução do Espírito fica muito evidente nas palavras de Jesus: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas (...).”⁷

Kardec, em brilhante ensaio⁸, defende, com argumentação irretorquível, o imperativo da reencarnação sob a ótica da justiça e da misericórdia de Deus. É um trabalho monumental, até hoje não contestado por filósofo ou teólogo algum. Muitos livros foram escritos tendo como tema a reencarnação, mas não se conhece nenhum trabalho sério que rebata os argumentos ali apresentados.

Aos argumentos alinhados pelo Codificador, pode-se ainda acrescentar uma série de outros, graças aos esclarecimentos trazidos pelo Espiritismo:

Se o Espírito fosse criado juntamente com o corpo, como ficaria a Justiça Divina ante a flagrante diferença que existe entre as oportunidades deferidas ao homem e à mulher, na família, na sociedade e até mesmo nas religiões? Seria o caso de a mulher perguntar – e muitas perguntam – por que Deus a criou mulheres, sem as consultar, para sofrerem, em muitos casos, cerceamento de liberdade por parte dos pais, e depois as exigências e, não raro, a brutalidade dos maridos, enquanto lhes pesam nos ombros as sérias responsabilidades no encaminhamento e na manutenção da saúde dos filhos? O Espiritismo, dentro de uma visão evolucionista, mostra que o Espírito não tem sexo, podendo encarnar-se como homem ou como mulher, segundo o seu livre-arbítrio.

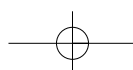
De acordo com a doutrina da unicidade das existências, a criação de novas almas não seria decorrente da vontade do Criador, mas estaria sujeita ao arbítrio dos casais, pois que poderiam usar um contraceptivo, impedindo Deus de usar o Seu poder de criar uma nova alma. O Espiritismo nos ensina que, ao usar qualquer recurso anticoncepcional, um casal apenas impede que um Espírito, já criado por Deus, que já se encarnou outras vezes, volte à Terra para uma nova etapa de aprendizagem.

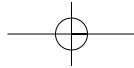
No caso de um estupro, por que se valeria Deus de um ato de violência, de ultraje, de desrespeito, para criar um Espírito? Onde

estaria a Justiça Divina, se outros são criados, ao contrário, em momentos de amor sublime, como filhos altamente desejados? Por que teria esse Espírito, fruto de uma violência, de ficar estigmatizado por toda a Eternidade? Através dos esclarecimentos da Doutrina Espírita, sabe-se que o acontecimento brutal que se deu tem causas anteriores, e que o Espírito que se reencarna, aceitando ou sendo compelido a aceitar uma tal situação, tem ligações de natureza vária, estabelecidas no passado, principalmente com aquela que lhe será mãe.

Se não houvesse experiências anteriores, como explicar a rebeldia, a brutalidade, o mau-caráter de um filho que tem toda uma ancestralidade constituída de pessoas dignas? Alguém poderá objetar, dizendo que é herança genética de um parente longínquo. Mas que culpa têm os pais? Por que Deus permitiria que esses gens danosos entrassem na formação daquela alma? A prosperar essa idéia, chegar-se-ia ao absurdo de, no esforço de impedir Deus de criar Espíritos de mau-caráter, dever-se-ia esterilizar todos os que não fossem portadores de virtudes. Seria assim fácil “aperfeiçoar” a raça humana, como pretenderam, no campo físico, os cultores da louca teoria da raça pura.

O Espiritismo esclarece que ninguém herda inteligência, virtudes ou defeitos morais, por serem atributos do Espírito, que os traz como bagagem própria, intransferível quando reencarna. Se um casal tem um filho que lhes nega as linhas morais da família, trata-se de um Espírito que foi por eles adotado, em função do desejo de auxiliá-lo, ou o receberam como conse-





qüência de um passado comprometido com ele, "(...) porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo".⁹ Dentro dessa linha de raciocínio, chega-se à conclusão de que todos os filhos são adotivos, enquanto Espíritos criados por Deus. O casal apenas "fornece o invólucro corporal."⁹ Diga-se, de passagem, que, para um ajustamento de linguagem, dever-se-ia dizer: filhos consangüíneos e não-consangüíneos.

A doutrina reencarnacionista é a única que não é racista, pois demonstra que Deus não seria justo se criasse um Espírito imortal dentro de uma raça. O Espírito é criado por Deus e evolui, passando pela humanização, no processo de angelizar-se. Ao humanizar-se, encarna-se inúmeras vezes, nas mais variadas raças, mas seu início, sua criação não está vinculada a grupo étnico nenhum. A bem dizer, todos os Espíritos pertencemos a uma única raça, pertencemos à raça divina, porque somos filhos de Deus.

A doutrina das penas eternas é extremamente inconsistente e não resiste a um exame sério, porque, segundo ela, a misericórdia de Deus seria inferior à de suas próprias criaturas, incapaz de resgatar um filho que errou. Segundo esse ponto de vista, Deus seria menos misericordioso do que um pai terreno decente que, malgrado a sua imperfeição, socorre o filho perdido que pede perdão e amparo. Pode a bondade de um pai terreno ser maior que a do Criador? (Lucas, 15:11-32). A esse respeito, é pertinente sejam lembrados ensinamentos de Jesus, quando compara o pai terreno com o Pai Celestial (Mateus, 7:9-11).

Por outro lado, se Deus é infinitamente misericordioso, como se

dará o seu perdão? Deus simplesmente apagaría as culpas daquele que errou, esquecendo-as? Neste caso Ele não seria justo, pois agiria do mesmo modo em relação à virtude e ao crime.

O Espiritismo ensina que o perdão divino significa uma nova oportunidade ao Espírito falido de reconstruir tudo o que ele prejudicou, danificou, destruiu. Isto é, o pecador deve fazer o bem em igual medida ao mal anteriormente feito. Não se trata, entretanto, de punição, mas de ação educativa. Essa posição está em perfeito acordo com a afirmativa "(...) porque o amor cobre a multidão de pecados." (I Pedro, 4:8.) ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ Lucas, 10:25.

² Mateus, 11:14.

³ Mateus, 5:44.

⁴ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro, FEB: 2002, item 166.

⁵ _____. item 540

⁶ Mateus, 5:16.

⁷ João, 14:12.

⁸ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, item 222.

⁹ _____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 123. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. XIV, item 8.

Lei

Reencarnação!... Descer de mansão doce e flórea,
Ninho tecido aos sóis qual fúlgida escumilha,
Onde a vida pompeia excelsa maravilha,
E afundar-se na sombra em lodacenta escória!

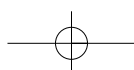
Ante o ser livre e belo – ave aos cimos da glória –
Recorda o corpo escravo ascorosa armadilha;
O berço – irmão do esquife – é a furna em que se humilha
Todo sonho ideal de ventura incorpórea.

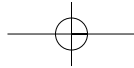
Reencarnação, porém, é a Justiça Perfeita,
A Lei que esmonda, ampara, aprimora e endireita,
Por mais o coração inquiria, chore ou trema!...

Alma, entre a lama e a dor da luta em que te abrasas,
Crias teu próprio mundo e as tuas próprias asas
Para galgar, um dia, a vastidão suprema!...

Constância Alves

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas Redivivos*. Diversos Espíritos. 3. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 32, p. 57.





PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Sobre a expiação e a prova

A expiação implica necessariamente a idéia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a prova implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porquanto, aquele que chegou ao ponto culminante a que aspira, não mais necessita de provas. Em certos casos, a prova se confunde com a expiação, isto é, a expiação pode servir de prova, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para receber uma graduação, passa por uma prova. Se falhar, terá de recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência que apresentou no primeiro; a segunda prova torna-se, assim, uma expiação. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação, se bem se conduzir, a pena é, ao mesmo tempo, uma expiação por sua falta e uma prova para sua sorte futura. Se, à sua saída da prisão, não estiver melhor, a prova é nula e um novo castigo desencadeará uma nova prova.

Considerando-se, agora, o homem na Terra, vemos que ele aí suporta males de toda a sorte, muitas vezes cruéis. Esses males têm uma causa. Ora, a menos que os atribuamos ao capricho do Criador, somos forçados a admitir que a causa este-

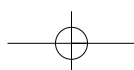
ja em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, têm sua fonte nas nossas imperfeições. Se um Espírito encarnar-se na Terra em meio à fortuna, honras e todos os prazeres materiais, poder-se-á dizer que sofre a prova do arrastamento; para o que cai na desgraça por sua má conduta ou imprevidência, é a expiação de suas faltas atuais e pode dizer-se que é punido por onde pecou. Mas que dizer daquele que, desde o nascimento, está em luta com as necessidades e as privações, que arrasta uma existência miserável e sem esperança de melhora, que sucumbe ao peso de enfermidades congênicas, sem nada ter feito, *ostensivamente*, para merecer tal sorte? Quer seja uma prova, ou uma expiação, a posição não é menos penosa e não seria mais justa do ponto de vista do nosso correspondente, porquanto, se o homem não se lembra da falta, também não se lembra de haver escolhido a prova. Tem-se, assim, de buscar alhures a solução da questão.

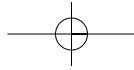
Como todo efeito tem uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se esta não estiver na vida atual, deve estar numa vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, tais efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, castigo para o passado e

prova para o futuro. São expiações no sentido de que são consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que delas se retira. Diz-nos a razão que Deus não pode ferir um inocente. Se, pois, formos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira por que o suportamos é a prova.

Mas acontece, muitas vezes, que a falta não se acha nesta vida. Então se acusa a justiça de Deus, nega-se a sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência. Aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem quer que admita um Deus soberanamente justo e bom deve dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo naquilo que não compreendemos e, se sofremos uma pena, é porque o merecemos; é, pois, uma expiação. O Espiritismo, pela grande lei da pluralidade das existências, levanta completamente o véu sobre o que esta questão deixava no escuro. Ele nos ensina que se a falta não foi cometida nesta vida, o foi numa outra e, deste modo, que a justiça de Deus segue o seu curso, punindo-nos por onde havíamos pecado.

A seguir vem a grave questão do esquecimento que, segundo o nosso correspondente, tira aos males da vida o caráter de expiação. É um erro. Dai-lhe o nome que quiserdes: jamais fareis que não sejam a consequência de uma falta. Se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensi-





na. Quanto ao esquecimento das faltas em si, não tem as conseqüências que lhe atribuis. Temos demonstrado alhures que a lembrança precisa dessas faltas teria inconvenientes extremamente graves, uma vez que nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos do próximo; trariam uma perturbação nas relações sociais e, por isto mesmo, entravaria o nosso livre-arbítrio. Por outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; ele só se dá na vida exterior de relação, no interesse da própria Humanidade; mas a vida espiritual não sofre solução de continuidade. Quer na erraticidade, quer nos momentos de emancipação, o Espírito se lembra perfeitamente e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência, que o adverte do que deve ou não deve fazer. Se não a escuta, é, pois, culpado. Além disso, o Espiritismo dá ao homem um meio de remontar ao seu passado, se não aos atos precisos, pelo menos aos caracteres gerais desses atos, que ficaram mais ou menos desbotados na vida atual. Das tribulações que suporta, das expiações e provas deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas e apoiando-se no princípio de que a mais justa punição é a conseqüência da falta, ele pode deduzir seu passado moral; suas tendências más lhe ensinam o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual é para ele um novo ponto de partida; aí chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar-se a si mesmo para ver o que lhe falta e dizer: “Se sou punido, é porque pequei”, e a própria

punição lhe dirá o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado a tantos anos de trabalhos forçados, sofrendo um castigo especial mais ou menos rigoroso, de acordo com a sua falta; suponhamos, ainda, que ao entrar na cadeia perca a lembrança dos atos que para lá o conduziram. Poderá dizer: “Se estou na prisão, é que sou culpado, porquanto aqui não se põe gente virtuosa. Tratemos, pois, de ficar bom, para não voltarmos quando daqui sairmos.” Quer ele saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais os crimes que para ali conduzem, porque ninguém

**É um erro pensar
que o caráter
essencial da
expição seja
o de ser imposta**

é posto a ferros por uma levianidade. Da duração e da severidade da pena, concluirá o gênero dos que deve ter cometido. Para ter uma idéia mais exata, terá apenas de estudar aqueles para os quais irá sentir-se instintivamente arrastado. Saberá, então, o que deve evitar daí em diante para conservar a liberdade, e a isso será ainda estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de o instruir e o dirigir no bom caminho. Se não o aproveitar, sofrerá as conseqüências. Tal a situação do homem na Terra, onde, tanto quanto o grilhete, não pode ter sido posto por suas

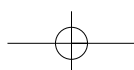
perfeições, considerando-se que é infeliz e obrigado a trabalhar. Deus lhe multiplica os ensinamentos de acordo com o seu adiantamento; adverte-o incessantemente e chega mesmo a feri-lo, para o despertar de seu torpor, e aquele que persiste no endurecimento não pode desculpar-se com sua ignorância.

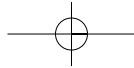
Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter das provas, outras têm, de modo incontestável, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro pensar que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposta. Vemos diariamente na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e o cilício. Nada há, pois, de irracional em admitir que um Espírito, na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar seus erros passados. Se tal existência lhe tivesse sido imposta, não teria sido menos justa, apesar da ausência momentânea da lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias da Terra são, pois, expiação, por seu lado efetivo e material, e provas, por suas conseqüências morais. Seja qual for o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: o melhoramento. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer de um jogo de palavras uma questão de princípio. Isto provaria que se dá mais importância às palavras que à coisa.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – setembro de 1863, transcrição parcial. Tradução de Evandro Noleto Bezerra.





FEB/CFN - COMISSÕES REGIONAIS

Reunião da Comissão Regional Centro

Campo Grande sediou a Reunião Ordinária de 2004 da Comissão Regional Centro, do Conselho Federativo Nacional, no período de 25 a 27 de junho, com a presença de todas as Federativas da Região: Federação Espírita do Distrito Federal (9 participantes), Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (8), Federação Espírita do Estado de Goiás (9), Federação Espírita do Estado de Mato Grosso (11), Federação Espírita de Mato Grosso do Sul (9), União Espírita Mineira (7) e Federação Espírita do Estado do Tocantins (7). A equipe da FEB compareceu com o Presidente e mais 14 membros. Como convidado, esteve presente Eduardo Nani,



Mesa da Sessão Plenária: Palavra do Presidente da FEB

Presidente da Federação Espírita Boliviana. Total de participantes: 76 (mais a equipe de apoio).

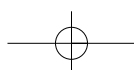
Sessão de Abertura

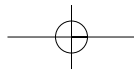
Realizou-se na noite de sexta-feira, 25 de junho, a Reunião de

Abertura, no Centro Espírita Discípulos de Jesus – sede de todos os trabalhos da Comissão. A Presidente da Federação Espírita de Mato Grosso do Sul, Maria Túlia Bertoni, abriu os trabalhos e saudou os componentes das Federativas visitantes, passando a direção ao Presidente da FEB, Nestor João Masotti, que fez a prece e cumprimentou os membros das Federativas e os confrades do Estado anfitrião. A palestra pública, comemorativa do Bicentário de Nascimento de Allan Kardec, foi proferida pela confreira Maria Clara Silva de Rezende Valle, que ressaltou o trabalho missionário de Allan Kardec como codificador da Doutrina Espírita – novo



Reunião dos Dirigentes: Aspecto parcial





paradigma para a Humanidade na edificação do Mundo de Regeneração. Representantes da Cruzada dos Militares Espíritas, da Associação de Divulgadores do Espiritismo de Mato Grosso do Sul e da Associação Médico-Espírita (AME/Sul) prestigiaram o evento, que contou com numerosa assistência.

Reunião Geral

Em seqüência à Sessão de Abertura, teve início a Reunião Geral, quando o Coordenador prestou informações sobre a Pauta dos trabalhos da Comissão e procedeu à apresentação individual dos seus participantes, suspendendo os trabalhos, para serem retomados na manhã de sábado, com as seguintes reuniões setoriais: a) dos Dirigentes; b) das Áreas de Atividade Mediúnica, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita e Atendimento Espiritual no Centro Espírita.

Reunião dos Dirigentes

Realizou-se no sábado, dia 26, com os seguintes participantes: pe-



Aspecto parcial da reunião do ESDE

la Federação Espírita Brasileira – Nestor João Masotti (Presidente), Altivo Ferreira (Coordenador) e Antonio Cesar Perri de Carvalho (Secretário, na ausência justificada de Umberto Ferreira); pelas Federativas Estaduais: Distrito Federal – César de Jesus Moutinho (FEEDF, Representante); Espírito Santo – Dalva Silva Souza (FEEES, Presidente); Goiás – Weimar Muniz de Oliveira (FEEGO, Presidente); Mato Grosso – Lacordaire Abrahão Faiad (FEEMT, Presidente); Mato Grosso do Sul – Maria Túlia Bertoni (FEMS, Presidente) e Jeronymo Gonçalves da Fonseca, Presidente do Centro Espírita Discípulos de Jesus; Minas Gerais – Honório Onofre de Abreu (UEM, Presidente); e Tocantins – Leila Ramos

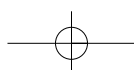
(FEETO, Presidente). Como convidado, Eduardo Nani, Presidente da Federação Espírita Boliviana, além de vários diretores e assessores das Federativas.

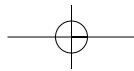
Após a prece de abertura, a discussão e aprovação da Ata da reunião anterior, foi feita a exposição sobre o andamento do curso “Capacitação Administrativa para Dirigentes de Casas Espíritas”, coordenada por Cesar Perri. Os Dirigentes relataram as providências adotadas em seus Estados, verificando-se que em todas as Federativas a Capacitação está funcionando, sendo que, em algumas, o curso já alcançou os Centros Espíritas. O coordenador teceu considerações gerais sobre os relatos e acerca do andamento do projeto nas demais Regiões do País. O Presidente da FEB enalteceu o trabalho em andamento e referiu-se à relação entre a gestão administrativa, o atendimento à legislação da área assistencial e a participação nos Conselhos Estaduais e Municipais.

O assunto da reunião – “Como preparar o Centro Espírita para atender à família e integrá-la nas suas atividades” (avaliação da implementação do projeto correspondente foi comentado e debatido pelos



Aspecto parcial da reunião do SAPSE





Dirigentes, verificando-se que em toda a Região foi dada ênfase ao atendimento à Família, com a realização de encontros e cursos para trabalhadores espíritas, criação, nas Federativas, de departamentos ou órgãos específicos voltados para a família, ação educativa de combate às drogas e reativação das Campanhas “Viver em Família” e “Em defesa da Vida”. O Presidente Nestor propôs que se incentive a prática do Evangelho no Lar e que se constitua uma comissão no âmbito da Secretaria Geral do CFN com o objetivo de reunir os esforços existentes e de aprimorar e atualizar o projeto da Campanha “Viver em Família”.

Em Assuntos Diversos, as Federativas relataram sua programação comemorativa do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec, com ampla divulgação através de *outdoors*, *folders*, cartazes e outros materiais aprovados pelo Conselho Federativo Nacional e fornecidos pela FEB em forma de impressos ou CDs. A Federativa de Mato Grosso propôs à FEB a criação de uma Coordenadoria de Eventos, com abrangência das principais atividades de todas as Federativas. A FEEGO expôs, em *datashow*, a sua organização federativa, com os Conselhos Regionais Espíritas e os Encontros Zonais, que abrangem vários CREs de cada Zona do Estado e os respectivos Centros Espíritas.

A próxima reunião será realizada em Palmas (TO), no período de 13 a 15 de maio de 2005, com os seguintes temas: “1. Exposição sobre: 1.1. – Reavaliação da Campanha “Viver em Família”; 1.2 – Avaliação sobre o andamento do curso “Capacitação Administrativa para



Aspecto parcial da reunião do Atendimento Espiritual

Dirigentes de Casas Espíritas”; “2. Avaliação das atividades-meio na sustentação do trabalho federativo” (assunto da reunião).

Sessão Plenária

A Reunião Geral foi reiniciada na manhã de domingo, dia 27, com a Sessão Plenária. Proferida a prece de abertura, foram apresentados os relatos das atividades desenvolvidas nas reuniões setoriais, dos quais destacamos:

Área da Atividade Mediúnic, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com o apoio de Edna Maria Fabro. Assunto da reunião: “Diálogo com os Espíritos”. Assunto para a próxima reunião: “Prática mediúnica: dificuldades e soluções – Critérios para a participação na reunião mediúnica; O papel da equipe de apoio; A postura ético-moral do participante; O perfil do dirigente; As dificuldades da prática mediúnica; Reunião mediúnica com Jesus e Kardec”.

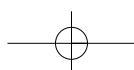
Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merthy Seba, com o apoio de Sônia Regina Ferreira Zaghetto. Assunto da reunião: “Kardec e a Comunicação Social Espírita: 1. Como entender a

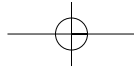
CSE na visão de Kardec; 2. Difusão, divulgação e proselitismo; 3. O trabalhador espírita como mídia.” Assunto para a próxima reunião: Criatividade na Comunicação Social Espírita: da teoria à prática.

Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Cecília Rocha, com o apoio de Elzio Antônio Cornélio. Assunto da reunião: “Curso de Formação de Monitores”. Assunto para a próxima reunião: “A interiorização do ESDE: Estratégias; Resultados; Censo 2005”.

Área da Infância e Juventude, coordenada por Rute Vieira Ribeiro, com o apoio de Miriam Lúcia H. Masotti Dusi. Assunto da reunião: “Acompanhamento da execução dos Projetos elaborados no IV Encontro Nacional de Diretores de DIJ”. Assunto para a próxima reunião: “Acompanhamento dos Projetos elaborados no IV Encontro Nacional de Diretores de DIJ: Apresentação de resultados; Avaliação; Próximas ações a serem desenvolvidas”.

Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira, com o apoio de Maria de Lourdes Pereira de Oliveira. Assun-





tos da reunião: “1. As Políticas Públicas e a Assistência e Promoção Social Espírita; 2. Sugestões de modelos de curso para elaboração de Projetos Sociais; 3. Experiências de projetos sociais em sistemas de rede e parcerias”. Assunto para a próxima reunião: “Levantamento de informações sobre a utilização do Manual do SAPSE pelos Centros Espíritas”.

Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, coordenada por Maria Euny Herrera Masotti, com a colaboração de Suely Caldas Schubert. Assunto da reunião: “Implantação do Atendimento Espiritual”. Assuntos para a pró-

xima reunião: “1. Atendimento Espiritual do Adolescente e do Jovem – a família, o indivíduo e o meio; 2. Atendimento Espiritual da Infância”.

Reunião dos Dirigentes: O relato dos principais assuntos tratados pelos Dirigentes foi efetuado por Antonio Cesar Perri de Carvalho, que secretariou esta reunião.

Concluídos os relatos, o Coordenador concedeu a palavra aos Dirigentes das Federativas, assim como aos Presidentes da Federação Espírita Boliviana e do Centro Espírita Discípulos de Jesus, para as suas considerações finais e despedidas, cabendo ao Presidente Nestor

falar pela equipe da FEB. Foi um momento de muita emoção, decorrente do clima de fraternidade que reinou durante todos os dias do encontro. A prece de encerramento foi pronunciada por Leila Ramos, Presidente da FEETO, anfitriã da Reunião de 2005.

Palestra de Suely Caldas

A Federação Espírita de Mato Grosso do Sul promoveu, na noite de sábado, dia 26, uma palestra de Suely Caldas Schubert, na sede do Centro Espírita Discípulos de Jesus, com a presença de grande público. ■

Congresso homenageará

Allan Kardec

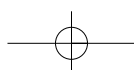
As comemorações do Bicentenário de Allan Kardec atingem seu auge com o 4º Congresso Espírita Mundial, programado para o período de 2 a 5 de outubro de 2004, em Paris. O evento é promovido pelo Conselho Espírita Internacional, com realização da União Espírita Francesa e Francófônica e execução da Associação Kardec.

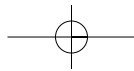
O Congresso será realizado na *Maison de la Mutualité (rue St. Victor, 24)*, em região central, nas proximidades da Sorbonne, e de fácil acesso, a uma quadra do Metrô *Maubert-Mutualité*.

Tendo por tema central “Allan Kardec – O Edificador de uma Nova Era para a Regeneração da Humanidade”, o programa desenvolve-se com mesas-redondas sobre as cinco principais obras do Codificador, sobre a “Evolução do Movimento Espírita” e “Difusão da Doutrina Espírita” e as palestras de abertura e de encerramento a serem proferidas, respectivamente, por José Raul Teixeira e por Divaldo Pereira Franco. Para participação nas mesas-redondas já

estão confirmados: da Argentina: Juan Antonio Durante; Bélgica: Jean-Paul Evrard; Brasil: Alberto Almeida, Alexandre Sech, Altivo Ferreira, Antonio Cesar Perri de Carvalho, César Soares dos Reis, Marlene Rossi Severino Nobre, Nestor João Masotti, Sérgio Felipe de Oliveira; Canadá: Leo Gaudet; Colômbia: Fábio Villarraga; Espanha: Salvador Martin; França: Charles Kempf, Jérémie Philippe, Joel Ury, Karine Nguema, Michel Buffet, Michel Ponsardin, Roger Perez; Itália: Domenico Romagnolo; Panamá: Maria da Graça Simões de Ender; Portugal: Arnaldo Costeira. Haverá traduções simultâneas para o francês, português, espanhol, inglês e esperanto. Será montada uma Exposição sobre a Vida e a Obra de Allan Kardec e outra sobre o Movimento Espírita no Mundo e também uma livraria espírita internacional.

Participe. Leve a sua colaboração à difusão da Doutrina Espírita em todos os países. Informações e disponibilidade do programa completo: CEI – fone (61) 322-3024; Páginas eletrônicas: www.spiritist.org; www.spiritisme.org; union.spiritite@wanadoo.fr; Endereço eletrônico: spiritist@spiritist.org ■





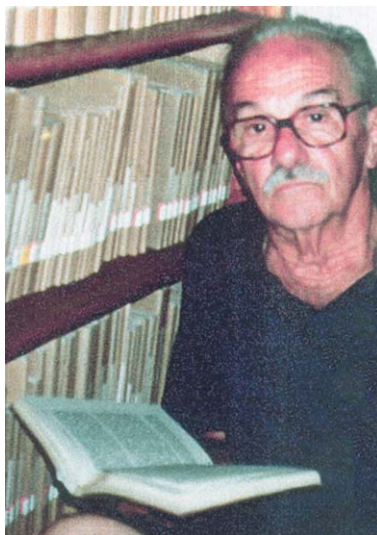
José Dias Inocêncio

Faz um ano retornou aos planos da Espiritualidade o nosso querido companheiro de lides espíritas, José Dias Inocêncio, que se tornou conhecido e admirado por quantos tiveram a ventura de ouvi-lo e ler seus artigos em Reformador. Se só agora publicamos os apontamentos biográficos abaixo, escritos pelo nosso inesquecível Alberto Nogueira da Gama, é porque, na ocasião, lhe faltavam outros dados que ele considerava importantes.

Prestamos, assim, merecida homenagem àquele cuja vida decorreu em benefício do próximo.

José Dias Inocêncio nasceu na cidade do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, então capital do Brasil, aos oito dias de agosto de 1920. Primogênito do casal de portugueses Felismina e Joaquim Dias Inocêncio, à época residentes em Niterói (RJ), foi criado com outros quatro irmãos.

Em 1941, por concurso público, ingressou no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), sendo lotado no quadro de funcionários de Petrópolis (RJ). Convocado para treinamento por ocasião da Segunda Guerra Mundial, desde logo passou a responder pela Companhia. Expedicionário com aguçado senso de observação, percebeu que alguns companheiros de farda se reuniam de maneira reservada e a eles procurou juntar-se, o que fez por sentir que o seu coração assim o induzia, até porque também secundado por convite que eles lhe fizeram. O objetivo do grupo, que assim se reunia discretamente, era nada mais nada menos que reuniões de estudos do Evangelho e da Doutrina Espírita, das quais, em pouco tem-



po, o recém-freqüentador admitido tornou-se o dirigente, aliás por orientação do Alto, que, em verdade, foi quem o encaminhou a integrá-lo. O caso era que, enquanto muitos expedicionários convocados seguiam para a linha de frente na batalha, na Itália, Inocêncio, devido ao exercício do seu cargo especial, permanecia no quartel, atento ao que lhe era determinado pela Espiritualidade.

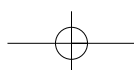
Cessadas as hostilidades bélicas, retornou às atividades na Autar-

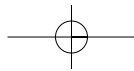
quia, na qual se engajou fazendo jus a promoções aos cargos de Agente, Presidente de Comissões de Inquérito, Chefe de Benefícios, em cujas funções se manteve à altura do seu eficiente desempenho. Aposentou-se após 45 anos de serviço.

Militando, quando de sua volta, nas fileiras espíritas, e residente em Niterói, filiou-se à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, onde envidou todos os seus esforços, empenhando-se ao máximo no sentido de dar o seu contributo na construção da nova sede dessa Federativa. Colimada essa finalidade, transferiu suas tarefas para a União da Mocidade Espírita de Niterói (UMEN), mais uma vez destacando-se na participação das obras da moderna sede da Instituição, consolidando o conceito, que já desfrutava, de laborioso obreiro do Espiritismo na cidade de Ararióia.

Posteriormente, em se deslocando para novas atividades, fixou-se no Grupo Espírita Leôncio de Albuquerque, em cujo Departamento de Doutrina, como seu dirigente, cumpriu a programação de estudos e trabalhos, priorizando a organização das reuniões mediúnicas, com desenvolvimento e formação de médiuns, desobsessões, efeitos físicos e receituário, sendo que os pacientes das prescrições médicas já as recebiam com os respectivos medicamentos.

Trabalhando profissionalmente na cidade do Rio de Janeiro, nos





horários dos lanches, aprazia-se em freqüentar a Federação Espírita Brasileira, ensejos nos quais estreitava laços de amizade com seus diretores que, em percebendo-lhe estrutura de sincero espiritista, o convidaram a que escrevesse em *Reformador*, onde manteve por largo espaço de tempo a coluna “Na Hora do Testemunho”, interrompida em face da sobrecarga dos seus encargos, mas voltando, em outra oportunidade, com nova secção intitulada “Estudar para Elucidar”, mantida até quando adoeceu, sem que pudesse recuperar-se. Além de colaborador da revista da Federação Espírita Brasileira, veio a ser membro do seu Conselho Superior em mais de dois mandatos de cinco anos.

Com participação ativa em algumas Sociedades Espíritas, José Dias Inocêncio conseguiu congregiar companheiros para a fundação da União da Mocidade Espírita de Niterói (UMEN), com realização de palestras mensais, alternando-as com as Agremiações congêneres programadas, também participantes das Semanas Espíritas de Niterói, levadas a efeito, anualmente, no mês de agosto, em cujo transcurso, confiáveis expositores discorriam sobre oportunos temas doutrinários.

Estudioso aplicado do Espiritismo, formou, em sua residência, apreciável biblioteca com pródigo acervo cultural, a que deu o nome de Sala Zarantuzza, onde se comprazia passar horas a fio lendo, pesquisando e elaborando, também, suas palestras e artigos.

Expositor de largos recursos culturais, fazia-se ouvir, através de inspiradas conferências, em cidades do interior do Estado, como Alémparaíba, São Gonçalo, Araruama,

Piraí (Ilha dos Pombos) e outras do seu diversificado itinerário, integrando caravanas visitadoras, com invariável saldo positivo de orientação, esclarecimento e reconforto a quantos lhe ouviam as preleções elucidativas e consoladoras.

Ante o desvelo com que paudou seus atos pelos padrões da conduta espírita, o companheiro de ideal correspondeu plenamente à condição de fiel servidor da Causa por que propugnamos.

Às onze horas da manhã do dia 18 de setembro de 2003, enquanto uma de suas filhas lhe preparava a medicação, deixando-o em repouso, ao retornar para ministrar-lho, deu-se conta de sua desencarnação. O ar de serenidade que lhe transparecia do semblante dizia bem de sua sintonia com os desígnios da Espiritualidade.

Ao companheiro, nossas vibrações e preces pelo seu bem-estar no Plano Espiritual. ■

RETORNO À PÁTRIA ESPIRITUAL

Reynaldo Leite

Desencarnou em São Paulo (SP), no dia 11 de maio deste ano, o confrade Reynaldo Leite, após dois anos de grave enfermidade. O velório de seu corpo ocorreu no Cemitério da 4ª Parada, onde compareceram representantes e confrades de Instituições Espíritas da Capital e do Interior do Estado de São Paulo, para levar seu afeto e sua vibração de amor ao denodado companheiro que retornava à Pátria Espiritual.

Reynaldo Leite era dedicado

trabalhador da seara espírita, como médium e expositor, tendo levado sua palavra fundamentada no Evangelho e na Doutrina Espírita aos espíritas de vários Estados brasileiros e de diversos países. Era fundador e dirigente da Sociedade Civil Arautos do Kardecismo, situada em São Paulo, no Bairro do Tatuapé (Rua Fernandes Pinheiro, 298), dedicada ao estudo, divulgação e prática do Espiritismo.

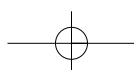
Rogamos as bênçãos de Jesus ao seareiro Reynaldo Leite, que volta ao Mundo Maior com Espírito liberto. ■

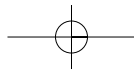
Conheça o

ESPIRITISMO,

UMA NOVA ERA

PARA A HUMANIDADE





O Espiritismo em Congresso na Itália

Foi realizado nos dias 28, 29 e 30 de maio, na região da Verbânia, Norte da Itália, junto ao conhecido Lago Maggiore e promovido por várias instituições religiosas orientais e ocidentais e pela ONU (Organização das Nações Unidas), o Congresso Mundial de Medicinas Tradicionais Integradas 2004, cujo tema central foi: *Educação para a Paz para uma Saúde Melhor*.

A convite da Comissão Organizadora, o Espiritismo se fez representar pelo expositor brasileiro, membro do Conselho Fiscal e Superior da FEB, Sérgio Thiesen, do Rio de Janeiro, que discorreu sobre *Espiritualidade na Saúde e na Doença*.

Com a presença do Lama Gangchen, muito conhecido em todo o mundo e criador da “Lama Gangchen World Peace Foundation”, e de representantes estrangeiros de diversas instituições que atuam no trinômio Paz, Saúde e Espiritualidade, o médico brasileiro falou sobre os postulados espíritas e sua importância fundamental para uma Medicina que vise o Espírito eterno, para níveis mais profundos de cura e prevenção. Procurou mostrar que a Medicina que se avizinha, na Era do Espírito, precisa considerar a etiologia espiritual das doenças físicas e mentais e sua relação com o mundo espiritual e a ação dos Espíritos



Sérgio Thiesen (no centro) proferindo sua palestra

desencarnados. Divulgou, perante a distinta assembléia, os resultados de suas pesquisas na tríplice fronteira entre a Medicina, a Física Moderna e o Espiritismo. Informações adicionais sobre o evento

podem ser encontradas no *site* www.worldpeacecongress.net

O expositor realizou palestras em outras cidades italianas como Torino, Varese, Florença, Milão e Assis. ■

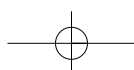
Reformador

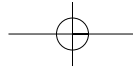
Remessas de Artigos:
composicao@febrasil.org.br

Assinaturas:
reformador@febrasil.org.br

Tel.: (21) 2589-6020







SEARA ESPÍRITA

Rio de Janeiro: Colégio de Presidentes

A Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro realiza no dia 7 deste mês, em Pirai (RJ), a Primeira Reunião do Colégio de Presidentes da FEERJ, na qual será homenageado o Dr. Bezerra de Menezes, com palestra de César Soares dos Reis.

Minas Gerais: Semana Universitária Espírita

A IV Semana Universitária Espírita de Minas Gerais e o I Congresso Universitário de Saúde e Espiritualidade ocorreram, de 2 a 8 de agosto, na Faculdade de Medicina da UFMG, em Belo Horizonte, promovidos pelo Núcleo Universitário da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais, tendo entre os expositores Marlene Rossi S. Nobre, Roberto Lúcio Vieira de Souza e Sérgio Felipe de Oliveira.

Argentina: Apoio às Atividades Espíritas

A Confederação Espiritista Argentina está enviando gratuitamente às Casas Espíritas, pelo correio eletrônico, em espanhol, o seguinte Material de Apoio: ESDE – Programas 1 e 2; Manuais: “Diretrizes de Apoio para as Atividades Espíritas” e “Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas”. O objetivo da CEA é difundir de maneira adequada os postulados da Doutrina dos Espíritos através do seu estudo.

Paraíba: Encontro Médico-Espírita do Nordeste

Realizou-se em Campina Grande, de 30 de julho a 1º de agosto, o III Encontro das Associações Médico-Espíritas do Nordeste, com o tema central *Medicina, Ética e Espiritualidade*. Coube a promoção à Associação Médico-Espírita Campinense, que efetuou, no mesmo período, a III JAMEC – Jornada Médico-Espírita de Campina Grande.

Paraná: Curso sobre Biblioteca Espírita

A Federação Espírita do Paraná oferece um Curso sobre Biblioteca no Centro Espírita, na forma de uma “Conversa informal sobre biblioteca”. Até o mês de maio, 25 Centros Espíritas já haviam participado do Curso, atendendo 57 trabalhadores vinculados à Biblioteca e ao livro espírita, procedentes da Capital e do interior do Estado.

Ainda com o propósito de burilamento dos responsáveis pela Biblioteca no Centro Espírita, a FEP está promovendo, a partir do mês de agosto, Oficina de Recuperação de Livros, que funciona aos sábados, das 8h às 12h, tendo como público-alvo os trabalhadores dos Centros Espíritas em Bibliotecas e Livrarias. Inscrições: Telefone (41) 223-6174.

Semana Espírita Chico Xavier

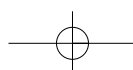
Realizou-se em Pedro Leopoldo (MG), no período de 28 de junho a 4 de julho, a I Semana Espírita Chico Xavier, em homenagem ao inolvidável missionário da Mediunidade, nascido naquela cidade. O evento, organizado pela comunidade espírita local, contou com a participação do Presidente da FEB, Nestor João Masotti, e sua esposa Maria Euny Herrera Masotti, do Presidente Honório Onofre de Abreu e Diretores da União Espírita Mineira. Constaram do programa: palestra de Marlene Nobre, na Câmara Municipal, Feira do Livro Espírita e visitas à Fazenda Modelo, onde Chico trabalhou, e ao Açude – local em que lhe apareceu pela primeira vez o seu Mentor Emmanuel.

Dinamarca: Estudos Espíritas

O Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec (GEEAK) promove reuniões semanais de estudo da Doutrina Espírita, sob a direção de Silas Vilas Boas. Às sextas-feiras, às 18 horas, ocorre o Culto do Evangelho no Lar, e no primeiro domingo de cada mês há uma palestra pública em língua dinamarquesa. Endereço: Skovsvinget 2, DK-2800 Lyngby – Dinamarca. Contatos pelos telefones 45 4084-8700 e 45 4495-5162, ou na página do GEEAK – www.geeak.dk.org (SEI).

Encontro de Historiadores e Pesquisadores Espíritas

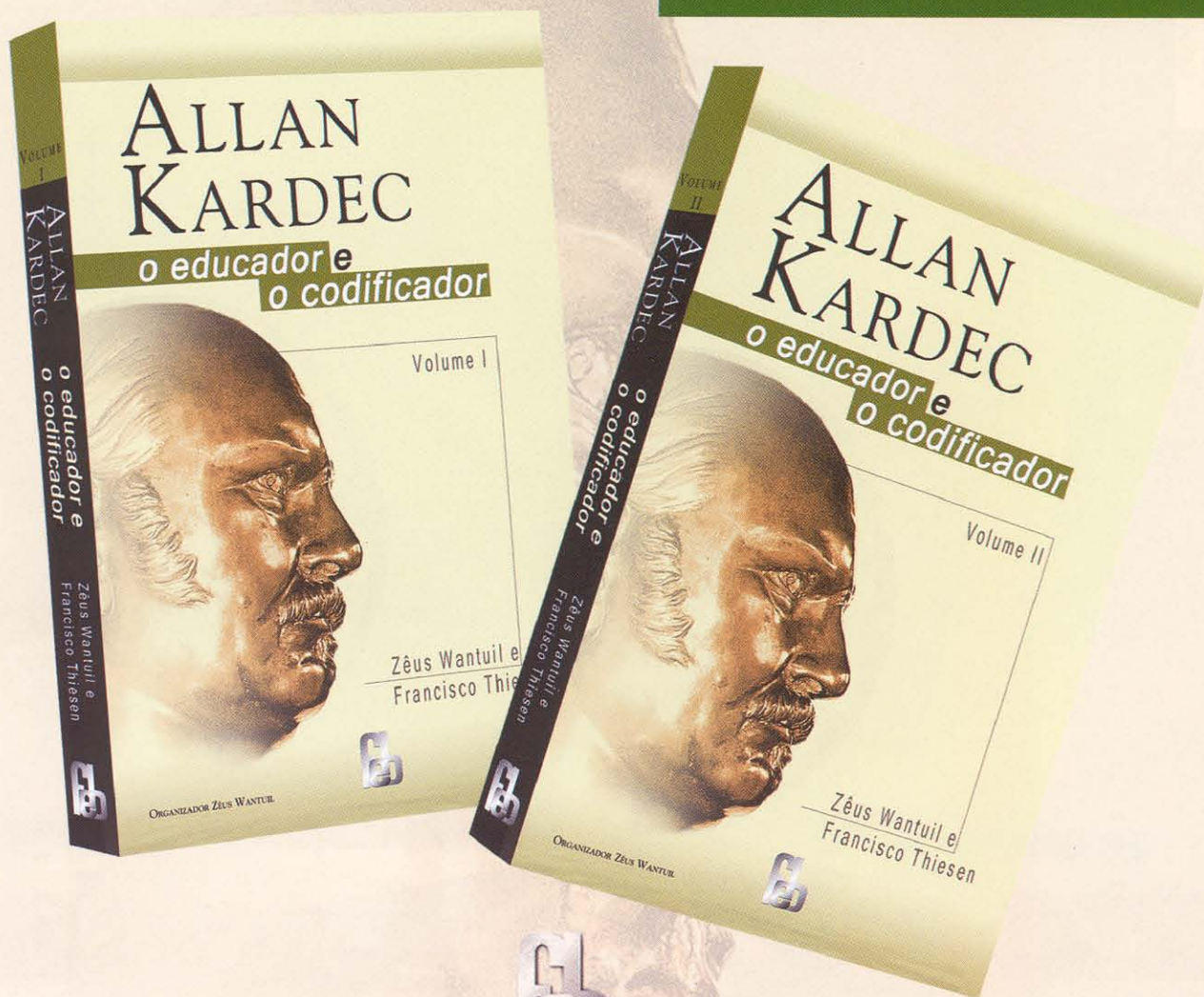
Ocorre em Belo Horizonte (MG), nos dias 4 e 5 deste mês, o 3º Encontro Nacional da Liga de Historiadores e Pesquisadores Espíritas, que tem por objetivo a discussão de trabalhos nas áreas de história/memória do Movimento Espírita e da pesquisa científica sobre temas espíritas. Durante o Encontro há lançamento de livros, painel com temas específicos, exposições, mesas-redondas e conferências.



ALLAN KARDEC

o educador e

o codificador



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

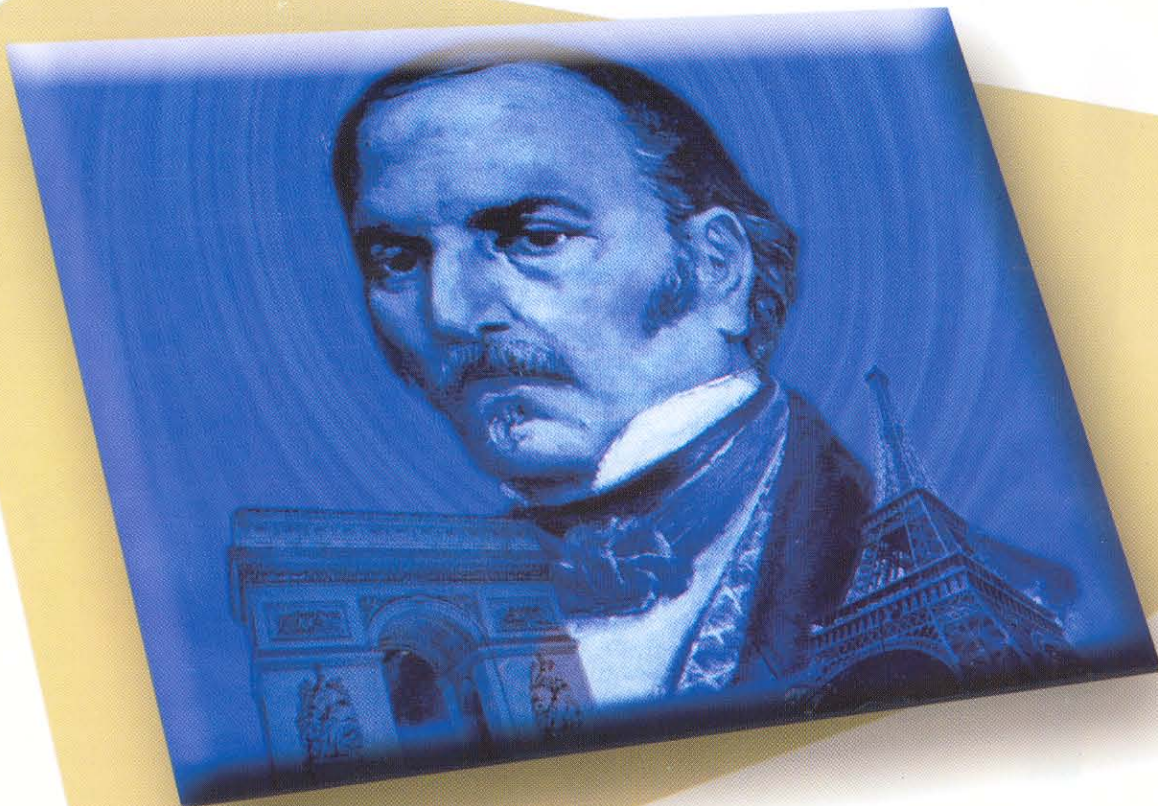
Construamos a Paz, Promovendo o Bem!

Formato 14x21 - Capa Semiflexível - Papel Chamois Fine

Tel.: (21) 2589-6020 - vendas@febrasil.org.br - www.febrasil.org.br

PARIS - FRANÇA - 2, 3, 4 e 5 DE OUTUBRO DE 2004

4º Congresso Espírita Mundial



www.spiritist.org

1804 - 2004

Bicentenário do nascimento de Allan Kardec

TEMA CENTRAL

«Allan Kardec – O Edificador de uma Nova Era para a Regeneração da Humanidade»

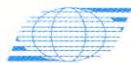
LOCAL

Maison de la Mutualité - 24 rue Saint-Victor – Métro Maubert-Mutualité - Paris

Promoção: Conselho Espírita Internacional

Realização: União Espírita Francesa e Francófônica

Execução: Associação Kardec



CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL
SECRETARIA GERAL
TEL/FAX: (55.61) 322-3024
SGAN QUADRA 603 CONJ. F
70830-030 - BRASÍLIA - DF - BRASIL
E-MAIL: SPIRITIST@SPIRITIST.ORG

ASSOCIATION KARDEC
TEL/FAX: (33.2) 4746-2790
1 RUE DU DOCTEUR FOURNIER
BOITE POSTALE 27 07
37027 - TOURS CEDEX 1 – FRANCE
E-MAIL: UNION.SPIRITE@WANADOO.FR

